

Apêndice

TEXTOS DO MAGISTÉRIO

INTRODUÇÃO

(1) «Sabemos as perguntas a propósito do [matrimônio](#) e da família (...) que são continuamente formuladas (...) nas mais diversas circunstâncias. Formulam-nas as pessoas individualmente, casais, noivos, jovens e também escritores, jornalistas, políticos, economistas, demógrafos, enfim, a cultura e a civilização contemporânea. Penso que entre as respostas que Cristo daria *aos homens do nosso tempo* e às suas interrogações, muitas vezes tão impacientes, *seria ainda fundamental* a que deu aos fariseus. Respondendo àquelas interrogações, Cristo *referir-se-ia, antes de mais, ao “ princípio”*. (...) Pode dizer-se que, na resposta aos fariseus, Cristo revelou aos interlocutores também esta “visão integral do homem”, sem a qual não pode ser dada nenhuma resposta adequada às interrogações relacionadas com o matrimônio e com a procriação. Precisamente esta visão integral do homem deve ser construída desde o “princípio”.

Isto é igualmente válido para a mentalidade contemporânea, tal como o era, se bem que de modo diferente, para os interlocutores de Cristo. Com efeito, somos filhos de uma época em que, para o desenvolvimento de várias disciplinas, esta visão integral do homem pode ser facilmente rejeitada e substituída por múltiplas *concepções parciais* que, detendo-se sobre um ou outro aspecto do *compositum humanum*, não atingem o *integrum* do homem, ou deixam-no fora do próprio campo visual» [JOÃO PAULO II, *Uomo e donna lo creò. Catechesi sull’amore umano*, [LEV – Città Nuova](#), 2009⁹, cap. XXIII, p. 105. Cf. *L’Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 06/IV/1980), p. 176].

1 – PAI

(2) «Sem Jesus, não saberíamos quem é realmente o “Pai”. Isto é explicado na sua oração, estando esta continuamente presente na vida de Jesus. Um Jesus que não estivesse [continuamente](#) imerso no Pai, que não estivesse em comunhão contínua e profunda com Ele, seria um ser completamente diferente do Jesus da [Bíblia](#), do Jesus real da história. Jesus viveu de oração e, na oração, reuniu Deus, o mundo e os homens. Olhar o mundo com os olhos de Deus e fazê-lo na sua perspectiva: isto significa seguir Jesus» [JOSEPH RATZINGER, *Il Dio di Gesù Cristo. Meditazioni sul Dio uno e trino*, [Queriniana, Brescia](#) 2006, pp. 31-32].

(3) «Não devemos perder de vista a tradição, a doutrina e a fé da Igreja católica, tal como o Senhor a ensinou, tal como a pregaram os Apóstolos e a transmitiram os Santos Padres. **Com efeito**, a tradição constitui o alicerce da Igreja, e todo aquele que a abandona deixa de ser cristão e já não merece usar esse nome. Ora a nossa fé é esta: acreditamos na Trindade santa e perfeita, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo; não há **nela** mistura de nenhum elemento estranho; não **se** compõe de Criador e criatura; mas toda Ela é criadora e eficaz; uma só é a sua natureza, uma só é a sua eficiência e **ação**. O Pai cria todas as coisas por meio do Verbo, no Espírito Santo; e deste modo se afirma a unidade da Santíssima Trindade» [SANTO ATANÁSIO (295-373), *Epistola I ad Serapionem*, 28: PG 26, 594. Cf. *Liturgia das Horas*, III, 592-593].

2 – PAI NOSSO

(4) «Por isso é romanticismo vazio dizer: deixai estar os dogmas, a cristologia, o Espírito Santo, a Trindade, porque é suficiente anunciar Deus Pai e a fraternidade entre os homens; e isto sem recorrer a teorias místicas. Só isto seria importante. Uma exigência que poderia parecer legítima; mas, por este caminho, chega-se verdadeiramente a conhecer um ser tão complicado como é o homem? Onde é que sabemos o que significa ser pais, ser irmãos, de modo que possamos sobre isso fundar a nossa confiança? É verdade que se encontram, mesmo nas culturas antigas, testemunhos tocantes de confiança plena no “Pai” que está nos céus; mas é verdade também que, na evolução sucessiva, a atenção religiosa, mais do que para este “Pai celeste”, se voltou para outros poderes do mundo; ao longo da evolução histórica, a imagem do homem e a própria imagem de Deus assumiram, por todo o lado, traços de ambiguidade. Sabe-se que os gregos chamavam Zeus com o apelativo de “Pai”. Isto, porém, não exprimia, por parte deles, qualquer confiança, mas apenas a ambiguidade profunda de Deus, a ambiguidade trágica de um mundo que metia medo. (...) Mas será que a própria “fraternidade”, tão exaltada hoje quando se quer pôr de lado o mundo dos pais, se apresente assim tão clara e prometedora a nível de experiência? O primeiro par de irmãos da história humana são, segundo a Bíblia, Caim e Abel; no mito romano, correspondem-lhes **Rômulo** e Remo: o motivo apresenta-se como uma paródia cruel do hino à “fraternidade”, escrito pela própria realidade. E as experiências, que vivemos desde 1789 para diante, porventura não acrescentaram traços novos e ainda mais terríveis a esta paródia, confirmando a visão de “**Caím** e Abel” muito mais do que esta fazia esperar? Onde sabemos que a paternidade é bondade digna de confiança e que Deus, apesar das aparências, não brinca de forma alguma com o mundo, mas ama-o e sempre o amará? Por isso, o próprio Deus teve de Se mostrar, demolir as imagens e introduzir um novo critério de medida. Isso aconteceu no Filho, em Cristo. A sua existência inteira lança-se, mediante a oração, dentro do abismo da verdade e da bondade que é Deus. Somente a partir deste Filho é que nós experimentamos verdadeiramente quem é o Pai» [JOSEPH

RATZINGER, *Il Dio di Gesù Cristo. Meditazioni sul Dio uno e trino*, Queriniana, Brescia 2006, 29-31].

(5) «Encontramo-nos assim novamente diante da questão: o que é que podemos esperar? É necessária uma autocrítica da idade moderna feita em diálogo com o cristianismo e com a sua concepção da esperança. Neste diálogo, também os cristãos devem aprender de novo, no contexto dos seus conhecimentos e experiências, em que consiste verdadeiramente a sua esperança, o que é que temos para oferecer ao mundo e, ao contrário, o que é que não podemos oferecer. É preciso que, na autocrítica da idade moderna, conflua também uma autocrítica do cristianismo moderno, que deve aprender sempre de novo a compreender-se a si mesmo a partir das próprias raízes. A este respeito, pode-se aqui mencionar somente alguns indícios. Antes de mais, devemos perguntar-nos: o que é que significa verdadeiramente “progresso”; o que é que ele promete e o que é que não promete? (...) Dito de outro modo: torna-se evidente a ambiguidade do progresso. Não há dúvida que este oferece novas potencialidades para o bem, mas abre também possibilidades abissais de mal – possibilidades que antes não existiam. Todos fomos testemunhas de como o progresso em mãos erradas pode tornar-se, e tornou-se realmente, um progresso terrível no mal. Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior (cf. *Ef* 3, 16; *2 Cor* 4, 16), então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo» (BENTO XVI, Carta encíclica *Spe salvi* (2007), n. 22].

3 – QUE ESTAIS NOS CÉUS

(6) «A razão, como tal, está aberta à transcendência e é só no encontro entre a realidade transcendente e a fé e a razão que o homem se encontra a si mesmo. Assim, penso que a tarefa e a missão da Europa nesta situação é justamente encontrar este diálogo, integrar a fé e a racionalidade moderna numa única visão antropológica, que completa o ser humano e torna, desse modo, também comunicáveis as culturas humanas» [BENTO XVI, *Entrevista concedida aos jornalistas durante o vôo para Portugal* . Visita Apostólica a Portugal (11 de Maio de 2010)].

(7) «O amor subsiste por si mesmo, agrada por si mesmo e por causa de si mesmo. Ele próprio é para si mesmo o mérito e o prêmio. O amor não busca outro motivo nem outro fruto fora de si; o seu fruto consiste na sua prática. Amo porque amo; amo para amar. Grande coisa é o amor, desde que remonte ao seu princípio, que volte à sua origem, que torne para a sua fonte, que se alimente sempre da nascente donde possa brotar incessantemente. Entre todas as moções, sentimentos e afetos da alma, o amor é o único em que a criatura pode corresponder ao Criador, se não em igual medida, ao menos de modo semelhante. Com efeito, Deus, quando ama, não quer outra coisa senão ser amado: isto é, não ama por outro motivo senão para

ser amado, sabendo que o próprio amor torna felizes os que se amam entre si. O amor do Esposo, ou antes o Amor-Esposo, não pede senão correspondência e fidelidade. A amada deve, portanto, retribuir com amor. Como pode a esposa não amar, sobretudo se é a esposa do Amor? Como pode o Amor não ser amado? Com razão renuncia a qualquer outro **afeto** e se entrega total e exclusivamente ao Amor a alma consciente de que o modo de corresponder ao amor é retribuir com amor. Na verdade, mesmo quando toda ela se transforma em amor, que é isso em comparação com a torrente perene que brota daquela fonte? Evidentemente, não corre com igual abundância o caudal do amante e do Amor, da alma e do Verbo, da esposa e do Esposo, da criatura e do Criador; há entre eles a mesma diferença que entre a fonte e quem dela bebe. Sendo assim, ficará sem qualquer valor e eficácia o desejo da noiva (...)? Não. Porque embora a criatura ame menos, porque é menor, se todavia ela ama com todo o seu ser, nada fica por acrescentar. Nada falta onde está tudo» [SÃO BERNARDO DE CLARAVAL (1090-1153), *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, n. 83, 4-6: *Opera Omnia*, ed. Cisterciense, 2 (1958), 300-302. Cf. *Liturgia das Horas*, IV, 1217-1218].

(8) «Embatemos aqui no problema da relação entre *verdadeiro* e *bem*. Em Deus, os dois coincidem entre si e com o ser. Deus conhece e quer o seu ser, e ambas as coisas estão contidas no seu ser. Mas se consideramos o verdadeiro em relação com um espírito dotado de conhecimento finito, e o bem em relação com o anelar finito (ou como relação de um ente com outro, para a perfeição do qual pode concorrer), as duas coisas separam-se, embora mantendo-se numa certa relação entre si. (...) Na expressão «verdadeiro bem», exprime-se esta ligação; o ente só é «de verdade» um bem, quando o conhecimento do ente enquanto bom e verdadeiro; então **concorda** não só com o anelar duma criatura mas também com a vontade do Criador, e deste modo – porque em Deus coincidem o conhecer e o querer – também com o seu *arquétipo* no Espírito divino, o que significa *verdadeiro* no sentido da verdade essencial» [EDITH STEIN (1891-1942), *Essere finito e Essere Eterno*, Città Nuova, Roma 1992, cap. V, n. 16, p. 339].

(9) «2357. A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma **atração** exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua **gênese** psíquica continua em grande parte por explicar. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves (cf. *Gn* 19, 1-29; *Rm* 1, 24-27; *1 Cor* 6, 10; *1 Tm* 1, 10), a Tradição sempre declarou que “os **atos** de homossexualidade são intrinsecamente desordenados” (Congregação da Doutrina da Fé, Decl. *Persona humana*, 8). São contrários à lei natural, fecham o **ato** sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade **afetiva** e sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados. 2358. Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, **objetivamente** desordenada, constitui para a maior parte deles uma provação.

Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição.

2359. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã» [*Catecismo da Igreja Católica* , nn. 2357-2359].

4 – SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME

(10) «A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador. Porém, muitos dos nossos contemporâneos não atendem a esta íntima e vital ligação a Deus, ou até a rejeitam explicitamente; de tal maneira que o ateísmo deve ser considerado entre os factos mais graves do tempo **atual** e submetido a atento exame.

Com a palavra “ateísmo”, designam-se **fenômenos** muito diversos entre si. Com efeito, enquanto alguns negam expressamente Deus, outros pensam que o homem não pode afirmar seja o que for a seu respeito; outros ainda, tratam o problema de Deus de tal maneira que ele parece não ter significado. Muitos, ultrapassando indevidamente os limites das ciências positivas, ou pretendem explicar todas as coisas só com os recursos da ciência, ou, pelo contrário, já não admitem nenhuma verdade absoluta. Alguns, exaltam de tal modo o homem, que a fé em Deus perde toda a força, e parecem mais inclinados a afirmar o homem do que a negar Deus. Outros, concebem Deus de uma tal maneira, que aquilo que rejeitam não é de modo algum o Deus do Evangelho. Outros há que nem sequer abordam o problema de Deus: parecem alheios a qualquer inquietação religiosa e não percebem por que se devem ainda preocupar com a religião. Além disso, o ateísmo nasce muitas vezes dum protesto violento contra o mal que existe no mundo, ou de se ter atribuído indevidamente o **caráter** de absoluto a certos valores humanos que passam a ocupar o lugar de Deus.

(...) Com efeito, o ateísmo, considerado no seu conjunto, não é um fenómeno originário, antes resulta de várias causas, entre as quais se conta também a **reação** crítica contra as religiões e, nalguns países, principalmente contra a religião cristã. Pelo que os crentes podem ter tido parte não pequena na gênese do ateísmo, na medida em que, pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o

autêntico rosto de Deus e da religião» [CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 19].

(11) «Somos nós verdadeiramente o santuário de Deus no mundo e para o mundo? Abrimos aos homens o acesso a Deus ou, pelo contrário, escondemo-lo? Porventura nós, povo de Deus, não nos tornamos em grande parte um povo marcado pela incredulidade e pelo afastamento de Deus? Porventura não é verdade que o Ocidente, os países centrais do cristianismo se mostram cansados da sua fé e, enfasiados da sua própria história e cultura, já não querem conhecer a fé em Jesus Cristo? Neste momento, temos motivos para bradar a Deus: “Não permitais que nos tornemos um ‘não povo’! Fazei que Vos reconheçamos de novo! **Com efeito**, ungistes-nos com o vosso amor, colocastes o vosso Espírito Santo sobre nós. Fazei que a força do vosso Espírito se torne novamente eficaz em nós, para darmos com alegria testemunho da vossa mensagem!”» [BENTO XVI, *Homilia na Missa Crismal* (21 de Abril de 2011)].

(12) «*O direito à liberdade religiosa está radicado na própria dignidade da pessoa humana*, cuja natureza transcendente não deve ser ignorada ou negligenciada. Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança (cf. *Gn* 1, 27). Por isso, toda a pessoa é titular do *direito sagrado* a uma vida íntegra, mesmo do ponto de vista espiritual. Sem o reconhecimento do próprio ser espiritual, sem a abertura ao transcendente, a pessoa humana retrai-se sobre si mesma, não consegue encontrar resposta para as perguntas do seu coração sobre o sentido da vida e dotar-se de valores e princípios éticos duradouros, nem consegue sequer experimentar uma liberdade autêntica e desenvolver uma sociedade justa» [BENTO XVI, *Mensagem para a celebração do XLIV Dia Mundial da Paz* (8 de Dezembro de 2010)].

(13) «Causa preocupação ver este serviço que as com unidades religiosas prestam a toda a sociedade, particularmente em favor da educação das jovens gerações, comprometido ou dificultado por **projetos** de lei que correm o risco de criar uma espécie de monopólio estatal em matéria escolástica, como se constata, por exemplo, em certos países da América Latina. (...) Exorto todos os governos a promoverem sistemas educativos que respeitem o direito primordial das famílias de decidir sobre a educação dos filhos e que se inspirem no princípio de subsidiariedade, fundamental para organizar uma sociedade justa. Continuando a minha reflexão, não posso passar sem referir outra ameaça à liberdade religiosa das famílias nalguns países europeus, onde é imposta a participação em cursos de educação sexual ou cívica que propagam concepções da pessoa e da vida pretensamente neutras mas que, na realidade, **refletem** uma antropologia contrária à fé e à **reta** razão» [BENTO XVI, *Discurso ao Corpo Diplomático*(10 de Janeiro de 2011)].

(14) «Adorar o Deus de Jesus Cristo, que Se fez pão repartido por amor, é o remédio mais válido e radical contra as idolatrias de ontem e de hoje. Ajoelhar-se diante da Eucaristia é profissão de liberdade: quem se inclina a Jesus não pode nem deve prostrar-se diante de nenhum poder terreno, por mais forte que seja. Nós, cristãos, só nos ajoelhamos diante do Santíssimo Sacramento, porque sabemos e acreditamos que está presente n’Ele o único Deus verdadeiro, que criou e amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho **unigênito** (cf. *Jo* 3, 16). Prostramo-nos diante de um Deus que primeiro Se inclinou sobre o homem, como Bom Samaritano, para o socorrer e lhe dar novamente a vida, e Se ajoelhou diante de nós para lavar os nossos pés sujos. Adorar o Corpo de Cristo significa crer que ali, naquele pedaço de pão, está realmente Cristo, que dá sentido verdadeiro à vida, desde o universo imenso até mais pequena das criaturas, desde a história humana inteira até à existência mais breve. A adoração é a oração que prolonga a celebração e a comunhão eucarística e na qual a alma continua a alimentar-se» [BENTO XVI, *Homilia na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo* (22 de Maio de 2008)].

(15) «Por meio da fé, somos introduzidos no mistério de amor que é a Santíssima Trindade. De certo modo somos abraçados por Deus, transformados pelo seu amor. A Igreja é este abraço de Deus no qual os homens aprendem também a abraçar os seus irmãos, descobrindo neles a imagem e semelhança divina, que constitui a verdade mais profunda do seu ser e que é a origem da verdadeira liberdade» [BENTO XVI, *Discurso durante a visita à Catedral de Santiago de Compostela* (6 de Novembro de 2010)].

(16) «Ele, Cristo, que diz de Si próprio: “Eu sou a luz do mundo” (*Jo* 8, 12), faz brilhar a nossa vida, para ser verdadeiro o que **acabamos** de ouvir no Evangelho: “Vós sois a luz do mundo” (*Mt* 5, 14). Não são os nossos esforços humanos nem o progresso técnico do nosso tempo que trazem a luz a este mundo. Experimentamos sempre de novo que o nosso esforço por uma ordem melhor e mais justa tem os seus limites. O sofrimento dos inocentes e, enfim, a morte de cada homem constituem uma escuridão impenetrável que pode talvez ser momentaneamente iluminada por novas experiências, como a noite o é por um relâmpago; mas, no fim, permanece uma escuridão **angustiante**.

Ao nosso redor pode haver a escuridão e as trevas, e todavia vemos uma luz: uma chama pequena, minúscula, que é mais forte do que a escuridão, aparentemente tão poderosa e insuperável. Cristo, que ressuscitou dos mortos, brilha neste mundo, e fá-lo de modo mais claro precisamente onde tudo, segundo o juízo humano, parece lúgubre e sem esperança. Ele venceu a morte – Ele vive – e a fé n’Ele penetra, como uma pequena luz, tudo o que é escuro e ameaçador. (...) Não obstante o seu progresso técnico, o mundo onde vivemos, em última análise – ao que parece –, não se tem tornado melhor. Existem ainda guerras, terror, fome e doença, pobreza extrema e desalmada repressão. E mesmo aqueles que, na história, se consideraram “portadores de luz”, mas sem ter sido iluminados por

Cristo que é a única luz verdadeira, não criaram paraíso terrestre algum, antes instauraram ditaduras e sistemas totalitários onde até a mais pequena centelha de humanismo foi sufocada.

Neste ponto, não devemos calar o **fato** de que o mal existe. Vemo-lo em tantos lugares deste mundo; mas vemo-lo também – e isto assusta-nos – na nossa própria vida. Sim, no nosso próprio coração, existem a inclinação para o mal, o egoísmo, a inveja, a agressividade. Com uma certa autodisciplina, talvez isto se possa, em certa medida, controlar. Caso diverso e mais difícil se passa com formas de mal mais escondido, que podem envolver-nos como um nevoeiro indefinido, tais como a preguiça, a lentidão no querer e no praticar o bem. Repetidamente, ao longo da história, pessoas atentas fizeram notar que o dano para a Igreja não vem dos seus adversários, mas dos cristãos tíbios. Como pode então Cristo dizer que os cristãos – sem excluir os cristãos fracos – são a luz do mundo? Poderíamos talvez compreender se Ele gritasse: Converti-vos! Sede a luz do mundo! Mudai a vossa vida, tornai-a clara e resplandecente! Não será o caso de ficar maravilhados ao vermos que o Senhor não nos dirige um apelo, mas diz que somos a luz do mundo, que somos luminosos, que resplandecemos na escuridão?

Queridos amigos, o apóstolo São Paulo, em muitas das suas cartas, não tem receio de designar “santos” os seus contemporâneos, os membros das comunidades locais. (...) Não há nenhum santo, à **exceção** da bem-aventurada Virgem Maria, que não tenha conhecido também o pecado e que não tenha caído alguma vez. Queridos amigos, Cristo não se interessa tanto de quantas vezes vacilamos e caímos na vida, como sobretudo de quantas vezes nós, com a sua ajuda, nos erguemos. Não exige **ações** extraordinárias, mas quer que a sua luz brilhe em vós. Não vos chama porque sois bons e perfeitos, mas porque Ele é bom e quer tornar-vos seus amigos. Sim, vós sois a luz do mundo, porque Jesus é a vossa luz. Sois cristãos, não porque realizais coisas singulares e extraordinárias, mas porque Ele, Cristo, é a vossa, nossa vida. Vós sois santos, nós somos santos, se deixarmos a sua graça agir em nós. (...) “Vós sois a luz do mundo”. “Onde há Deus, há futuro!”» [BENTO XVI, *Discurso na Vigília de Oração com os jovens na Feira de Friburgo im Breisgau* (24 de Setembro de 2011)].

5 – VENHA A NÓS O VOSSO REINO (I)

(17) «Com palavras mais explícitas, podemos dizer: ao falar do reino de Deus, Jesus simplesmente anuncia Deus, o Deus vivo, que é capaz de agir concretamente no mundo e na história e agora mesmo está em **ação**. Diz-nos: Deus existe. E ainda: Deus é verdadeiramente Deus, quer dizer, tem nas suas mãos os **cordéis** do mundo. Neste sentido, a mensagem de Jesus é muito simples, é totalmente teocêntrica. O aspecto novo exclusivo da sua mensagem consiste no **fato** de Ele nos dizer: Deus age agora; esta é a hora em que Deus, de uma forma que supera todas as modalidades anteriores, se revela na história como o seu Senhor, como o Deus vivo. Portanto, a tradução “reino de Deus” é inadequada, seria melhor falar

da soberania ou do domínio de Deus» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*(1ª parte: Do [Batismo](#) no Jordão até à Transfiguração), cap. 3, A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, pp. 89-90].

(18) «O amor generoso e indissolúvel de um homem e de uma mulher constitui o âmbito eficaz e o fundamento da vida humana na sua gestação, no seu nascimento, no seu crescimento e no seu termo natural. Só onde existe o amor e a fidelidade, nasce e perdura a verdadeira liberdade. Por isso, a Igreja luta por adequadas medidas [econômicas](#) e sociais para que a mulher possa encontrar a sua plena realização no lar e no trabalho, para que o homem e a mulher que contraem [matrimônio](#) e formam uma família sejam decididamente apoiados pelo Estado, para que se defenda a vida dos filhos como sagrada e inviolável desde o momento da sua concepção, para que a natalidade seja estimada, valorizada e sustentada jurídica, social e legislativamente. Por isso, a Igreja opõe-se a todas as formas de negação da vida humana e apoia aquilo que promove a ordem natural no âmbito da instituição familiar» [BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a dedicação da Basílica da Sagrada Família e do Altar* (7 de Novembro de 2010)].

(19) «Depois de afirmar que o homem é a única criatura sobre a terra querida por Deus por si mesma, o Concílio acrescenta que ele “ *não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo*” (Const. *Gaudium et spes*, 24). Poderia parecer uma contradição, mas realmente não o é. Trata-se, antes, do grande e maravilhoso paradoxo da existência humana: uma existência chamada a *servir a verdade no amor*. O amor faz com que o homem se realize através do dom sincero de si: amar significa dar e receber aquilo que não se pode comprar nem vender, mas apenas livre e reciprocamente oferecer. Por sua natureza, o dom da pessoa exige ser duradouro e irrevogável. A indissolubilidade do [matrimônio](#) deriva primariamente da essência de tal dom: *dom da pessoa à pessoa* » [JOÃO PAULO II, Carta às famílias *Gratissimam sane* (1994), n. 11].

(20) «Criador é aquele que “do nada chama à existência” e estabelece na existência o mundo e o homem no mundo, porque Ele *é amor*(*1 Jo* 4, 8). Para dizer a verdade, não encontramos esta palavra amor (Deus é amor) na narrativa da criação; todavia esta narrativa repete muitas vezes: “Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa”. Através destas palavras estamos a caminho de entrever, no amor, o motivo divino da criação, quase a fonte de que ela brota: “ *só o amor, de fato, dá início ao bem e se compraz no bem*” (cf. *1 Cor* 13). A criação, por isso, como [ação](#) de Deus significa não só chamar do nada à existência e estabelecer a existência do mundo e do homem no mundo, mas significa também, segundo a primeira narrativa “*berechit bará*”, *doação* ; doação fundamental e “*radical*”, quer dizer, doação em que o dom surge precisamente do nada. A leitura dos primeiros capítulos do livro do [Gênesis](#) introduz-nos no mistério da criação, isto é, do início do mundo por vontade de Deus, que é [onipotência](#) e amor» [JOÃO PAULO II, *Uomo e donna lo creò. Catechesi sull'amore umano* , [LEV](#) –

Città Nuova, 2009⁹, cap. XIII, 3-4, pp. 72-73. Cf. *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 06/I/1980), 12].

(21) «O fato de o homem, criado como homem e mulher, ser imagem de Deus não significa apenas que cada um deles, individualmente, é semelhante a Deus, enquanto ser racional e livre; significa também que o homem e a mulher, criados como “unidade dos dois” na comum humanidade, são chamados a viver uma comunhão de amor e, desse modo, a refletir no mundo a comunhão de amor que é própria de Deus, pela qual as três Pessoas Se amam no íntimo mistério da única vida divina. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, um só Deus pela unidade da divindade, existem como pessoas pelas imperscrutáveis relações divinas. Somente assim se torna compreensível a verdade que Deus em Si mesmo é amor (cf. *1 Jo* 4, 16). A imagem e semelhança de Deus no homem, criado como homem e mulher (pela analogia que se pode presumir entre o Criador e a criatura), exprime portanto também a “unidade dos dois” na comum humanidade (...), e foi inscrita, conjuntamente, como uma chamada e um empenho [JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Mulieris dignitatem* (1988), n. 7.

(22) «O homem tornou-se “imagem e semelhança” de Deus não só mediante a própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão das pessoas que o homem e a mulher formam desde o princípio» (cap. IX). «(...) Com efeito, o dom revela, por assim dizer, uma característica particular da existência pessoal; mais, da existência mesma da pessoa. Quando Deus Javé diz que não é conveniente que o homem esteja só (*Gn* 2, 18), afirma que “sozinho” o homem não realiza totalmente esta essência. Apenas a realiza existindo “com outrem” – e ainda mais profunda e completamente existindo “para outrem”. (...) Comunhão das pessoas significa existir num recíproco “para”, numa relação de recíproco dom. E esta relação é exatamente o fim da solidão original do “homem”» (cap. XIV). «(...) O corpo humano, com o seu sexo, e a sua masculinidade e feminilidade, visto no mistério mesmo da criação é não só fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural, mas encerra desde “o princípio” o atributo “esposal”, isto é, a capacidade de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e – mediante esse dom – pratica o sentido mesmo do seu ser e existir. (...) Este homem “não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”» (cap. XV) [JOÃO PAULO II, *Uomo e donna lo creò. Catechesi sull'amore umano*, LEV –Città Nuova, 2009⁹, cap. IX, p. 59; cap. XIV, p. 74; cap. XV, p. 77. Cf. *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 18/XI/1979, p. 12; de 13/I/1980, p. 12; de 20/I/1980), p. 12].

(23) «A família contemporânea, como a de sempre, anda à procura do “belo amor”. Um amor não “belo”, ou seja, reduzido à mera satisfação da concupiscência (cf. *1 Jo* 2, 16), ou a um “uso” recíproco do homem e da mulher, torna as pessoas escravas das suas fraquezas. Não conduzem a esta escravidão certos “programas culturais” modernos? São programas que “jogam” com as

fraquezas do homem, tornando-o assim sempre mais débil e indefeso. A *civilização do amor evoca a alegria* : alegria, para além do mais, porque um homem vem ao mundo (cf. *Jo* 16, 21) e, conseqüentemente, porque os cônjuges se tornam pais. Civilização do amor significa “comprazer-se com a verdade” (cf. *I Cor* 13, 6). Mas uma civilização, inspirada numa mentalidade consumista e anti-natalista, não é uma civilização do amor nem o poderá ser nunca. (...) As famílias cessam de testemunhar a favor da civilização do amor e podem até mesmo tornar-se a sua negação, uma espécie de *contra-testemunho*. Uma família desfeita pode, por sua vez, reforçar um a específica forma de “anti-civilização”, destruindo o amor nos vários âmbitos em que se exprime, com inevitáveis repercussões sobre o conjunto da vida social» [JOÃO PAULO II, Carta às famílias *Gratissimam sane* (1994), n. 13].

6 – VENHA A NÓS O VOSSO REINO (II)

(24) «Entretanto foi-se acalmando a vaga das teologias da revolução que, com base num Jesus interpretado como zelota, tinham procurado legitimar a violência como meio para instaurar um mundo melhor: o «Reino». Os terríveis resultados de uma violência por motivos religiosos encontram-se, de modo bem drástico, diante dos olhos de todos nós. A violência não instaura o Reino de Deus, o reino do humanismo; pelo contrário, é um instrumento preferido pelo anticristo, por mais motivada que possa ser no plano religioso-idealista. Não aproveita ao humanismo, mas sim à desumanidade» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré* (2ª parte: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição), cap. 1, Princípiã, Cascais 2011, p. 23].

(25) «Por meio dos discípulos e da sua missão, o mundo no seu conjunto deve ser arrancado da sua alienação, deve voltar a encontrar a unidade com Deus. (...) Esta é precisamente a missão de Jesus (...): conduzir o «mundo» para fora da alienação em que vive o homem relativamente a Deus e a si próprio, a fim de que o mundo volte a ser de Deus, e o homem, unido a Deus, volte a ser totalmente ele próprio. Mas esta transformação tem o preço da cruz e, para as testemunhas de Cristo, o da disponibilidade para o martírio» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré* (2ª parte: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição), cap. 4, Princípiã, Cascais 2011, pp. 89 e 90].

(26) A escola católica, enquanto se abre convenientemente às condições do progresso do nosso tempo, educa os alunos na promoção eficaz do bem da cidade terrestre, e prepara-os para o serviço da dilatação do reino de Deus, para que, pelo exercício duma vida exemplar e apostólica, se tornem como que o fermento salutar da comunidade humana» [CONCÍLIO VATICANO II, *Decr. Gravissimum educationis*, n. 8].

(27) «Mas educar nunca foi fácil, e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. Sabem-no bem os pais, os professores, os sacerdotes e todos os que desempenham responsabilidades educativas **diretas**. Por isso se fala de uma grande “emergência educativa” (...). Inclusivamente os maiores valores do passado não se podem simplesmente herdar; devem ser assumidos e renovados por nós através duma opção pessoal, frequentemente dolorosa. Mas quando as bases são abaladas e falham as certezas essenciais, a necessidade daqueles valores volta a fazer-se sentir de modo urgente: assim, em concreto, aumenta hoje o pedido de uma educação que o seja verdadeira mente. Pedem-na os pais, preocupados e muitas vezes angustiados; pedem-na muitos professores, que vivem a triste experiência da degradação das suas escolas; pede-a a sociedade no seu conjunto, que vê postas em dúvida as próprias bases da convivência; pedem-na no seu íntimo os próprios jovens, que não querem ser deixados sozinhos perante os desafios da vida. Além disso quem crê em Jesus Cristo tem um motivo novo e mais forte para não ter medo: de facto, sabe que Deus não nos abandona, que o seu amor nos alcança onde estamos e como somos, com as nossas misérias e debilidades, para nos oferecer uma nova possibilidade de bem» [BENTO XVI, *Carta à diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da educação* (21 de Janeiro de 2008)].

(28) «Constitui, portanto, um serviço de amor, aquele que todos estamos empenhados em assegurar ao nosso próximo, para que a sua vida seja defendida e promovida sempre, mas sobretudo quando é mais débil ou ameaçada. É uma solicitude pessoal mas também social, que todos devemos cultivar, pondo o respeito incondicional da vida humana como fundamento de uma sociedade renovada. É-nos pedido que amemos e honremos a vida de cada homem e de cada mulher, e que trabalhemos, com constância e coragem, para que, no nosso tempo atravessado por demasiados sinais de morte, se instaure finalmente uma nova cultura da vida, fruto da cultura da verdade e do amor (n. 77).

O Evangelho da vida é para bem da cidade dos homens. (...) Não (...) pode ter sólidas bases uma sociedade que se contradiz radicalmente, já que por um lado afirma valores como a dignidade da pessoa, a justiça e a paz, mas por outro aceita ou tolera as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana, sobretudo se débil e marginalizada. Só o respeito da vida pode fundar e garantir bens tão preciosos e necessários à sociedade como a democracia e a paz. **Com efeito**, não pode haver *verdadeira democracia*, se não é reconhecida a dignidade de cada pessoa e não se respeitam os seus direitos. Nem pode haver *verdadeira paz*, se não se defende e promove a vida, como recordava Paulo VI: “Todo o crime contra a vida é um atentado contra a paz, especialmente se ele viola os costumes do povo (...), enquanto, nos lugares onde os direitos do homem são realmente professados e publicamente reconhecidos e defendidos, a paz torna-se a atmosfera feliz e geradora de convivência social” (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1977*)» (n. 101) [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Evangelium vitae* (1995), nn. 77 e 101].

(29) «Foram uma tragédia na Europa, sobretudo no século XIX, a afirmação e a divulgação da convicção de que Deus é o antagonista do homem e o inimigo da sua liberdade. Com isto pretendia-se obscurecer a verdadeira fé bíblica em Deus, que enviou ao mundo o seu Filho Jesus Cristo, para que ninguém pereça mas tenha a vida eterna (cf. *Jo* 3, 16). Face a um paganismo segundo o qual Deus é invejoso do homem ou o despreza, o autor sagrado afirma categoricamente: Como poderia Deus ter criado todas as coisas, se não as amasse, Ele que na sua plenitude infinita de nada precisa? (cf. *Sb* 11, 24-26). Como poderia ter-Se revelado aos homens, se não quisesse velar por eles? Deus é a origem do nosso ser e o fundamento e o ápice da nossa liberdade, não o seu opositor. (...) A Europa deve abrir-se a Deus, ir ao seu encontro sem medo, com a sua graça trabalhar por aquela dignidade do homem que tinham descoberto as melhores tradições. (...) Cruz e amor, cruz e luz foram **sinônimos** na nossa história, porque Cristo Se deixou pregar nela para nos dar o supremo testemunho do seu amor, para nos convidar ao perdão e à reconciliação, para nos ensinar a vencer o mal com o bem. (...) Ó Cruz bendita, brilha sempre em terras da Europa!» [BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa por ocasião do Ano Santo Compostelano na Praça do Obradoiro em Santiago de Compostela* (6 de Novembro de 2010)].

(30) «A Igreja, que tem a sua origem no amor do eterno Pai, foi fundada, no tempo, por Cristo Redentor, e reúne-se no Espírito Santo, tem um fim salvador e escatológico, o qual só se poderá atingir plenamente no outro mundo. Mas ela existe já **atualmente** na terra, composta de homens que são membros da cidade terrena e chamados a formar já na história humana a família dos filhos de Deus, a qual deve crescer continuamente até à vinda do Senhor. (...) Procurando o seu fim salvífico, a Igreja não se limita a comunicar ao homem a vida divina; espalha sobre todo o mundo os reflexos da sua luz, sobretudo enquanto cura e eleva a dignidade da pessoa humana, consolida a coesão da sociedade e dá um sentido mais profundo à quotidiana **atividade** dos homens. A Igreja pensa, assim, que por meio de cada um dos seus membros e por toda a sua comunidade, muito pode ajudar para tornar mais humana a família dos homens e a sua história» [CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 40].

(31) «Só o homem reconciliado com Deus pode estar também reconciliado e em harmonia consigo mesmo; e somente o homem reconciliado com Deus e consigo mesmo pode construir a paz à sua volta e em todo o mundo. (...) Que haja paz na terra (*Lc* 2, 14), é vontade de Deus que, deste modo, a entregou como tarefa ao homem. O cristão sabe que a permanência da paz está ligada ao **fato** de o homem se encontrar na *endokía* de Deus, isto é, de gozar do seu “beneplácito”. O esforço por estar em paz com Deus é uma parte indispensável do empenho pela “paz sobre a terra” (...). Sempre que o homem perde de vista Deus, a paz definha e a violência predomina, com formas de crueldade antes inconcebíveis: vemo-lo hoje com toda a clareza» [BENTO XVI, *Jesus de*

Nazaré(1ª parte: Do **Batismo** no Jordão até à Transfiguração), cap. 4, A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, p. 124].

(32) A Igreja propõe, com vigor, esta ligação entre ética da vida e ética social, ciente de que não pode “ter sólidas bases u ma sociedade que afirma valores como a dignidade da pessoa, a justiça e a paz, mas contradiz-se radicalmente aceitando e tolerando as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana, sobretudo se débil e marginalizada” (*Evangelium vitae*, 101)» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 15].

(33) «Mas há que acrescentar que, se o fanatismo religioso impede em alguns contextos o exercício do direito de liberdade de religião, também a promoção programada da indiferença religiosa ou do ateísmo prático por parte de muitos países contrasta com as necessidades do desenvolvimento dos povos, subtraindo-lhes recursos espirituais e humanos. Deus é o *garante do verdadeiro desenvolvimento do homem*, já que, tendo-o criado à sua imagem, fundamenta de igual forma a sua dignidade transcendente e alimenta o seu anseio constitutivo de «ser mais». (...) Quando o Estado pro move, ensina ou até impõe formas de ateísmo prático, tira aos seus cidadãos a força moral e espiritual indispensável para se empenhar no desenvolvimento humano integral e impede-os de avançarem com renovado dinamismo no próprio compromisso de uma resposta humana mais generosa ao amor divino. Sucede também que os países economicamente desenvolvidos ou os emergentes exportem para os países pobres, no âmbito das suas relações culturais, comerciais e políticas, esta visão redutiva da pessoa e do seu destino. É o dano que o “superdesenvolvimento” acarreta ao desenvolvimento autêntico, quando é acompanhado pelo “subdesenvolvimento moral”» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 29].

(34) «Os “messianismos fascinantes, mas construtores de ilusões” (*Populorum progressio*, 11) fundam sempre as próprias propostas na negação da dimensão transcendente do desenvolvimento, seguros de o terem inteiramente à sua disposição. Esta falsa segurança converte-se em fraqueza, porque implica a sujeição do homem, reduzido à categoria de meio par a o desenvolvimento, enquanto a humildade de quem acolhe uma vocação se transforma em verdadeira autonomia, porque torna a pessoa livre» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 17].

(35) «Kant toma em consideração a possibilidade de que, a par do fim natural de todas as coisas, se verifique também um fim contrário à natureza, perverso. Escreve a tal respeito: “Se acontecesse u m dia chegar o cristianismo a não ser mais digno de amor, então o pensamento dominante dos homens deveria tomar a forma de rejeição e de oposição contra ele; e o anticristo [...] inauguraria o seu regime, mesmo que breve, (baseado presumivelmente sobre o medo e o egoísmo).

Em seguida, porém, visto que o cristianismo, embora destinado a ser a religião universal, de facto não teria sido ajudado pelo destino a sê-lo, poderia verificar-se, sob o aspecto moral, o fim (perverso) de todas as coisas”» [BENTO XVI, Carta encíclica *Spe salvi* (2007), n. 19].

(36) «Um “reino de Deus” realizado sem Deus – e por conseguinte um reino somente do homem – resolve-se inevitavelmente no “fim perverso” de todas as coisas, descrito por Kant: já o vimos e vemo-lo sempre de novo. De igual modo, também não há dúvida de que, para Deus entrar verdadeiramente nas realidades humanas, não basta ser pensado por nós, requer-se que Ele mesmo venha ao nosso encontro e nos fale. Por isso, a razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão» [BENTO XVI, Carta encíclica *Spe salvi* (2007), n. 23].

(37) «Para preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações **econômicas**, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas *o problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral*. Se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se tornam artificiais a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental. (...)

O livro da natureza é uno e indivisível, tanto sobre a vertente do ambiente como sobre a vertente da vida, da sexualidade, do **matrimônio**, da família, das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral. Os deveres que temos para com o ambiente estão ligados com os deveres que temos para com a pessoa considerada em si mesma e em relação com os outros» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 51].

(38) «No entanto a concepção racional da tecnologia centrada sobre si mesma apresenta-se como irracional, porque implica uma decidida rejeição do sentido e do valor. Não é por acaso que a posição fechada à transcendência se defronta com a dificuldade de pensar como tenha sido possível do nada ter brotado o ser e do acaso ter nascido a inteligência. Face a estes dramáticos problemas, razão e fé ajudam-se mutuamente; e só conjuntamente salvarão o homem: *fascinada pela pura tecnologia, a razão sem a fé está destinada a perder-se na ilusão da própria onipotência*, enquanto a fé sem a razão corre o risco do alheamento da vida concreta das pessoas» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 74].

(39) «Compreendi que, se a Igreja apresenta um corpo formado por membros diferentes, não lhe falta o mais necessário e mais nobre de todos; compreendi que a Igreja tem coração, um coração *ardente de amor*; compreendi que só o amor fazia **atuar** os membros da Igreja e que, se o amor viesse a extinguir-se, nem os

Apóstolos continuariam a anunciar o Evangelho nem os mártires a derramar o seu sangue; compreendi que *o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo e que abrange todos os tempos e lugares, numa palavra, que o amor é eterno.* (...) Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e este, lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes: no coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor; com o amor serei tudo; e assim será realizado o meu sonho.

(...) Sim, meu Amado, a minha vida consumir-se-á assim. Não tenho outros meios para Vos provar o meu amor, senão atirar flores, isto é, não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum cuidado, nenhuma palavra, tirar proveito de todas as pequenas coisas e fazê-lo por amor... (...). Jesus, Jesus, se é tão delicioso o desejo de Vos amar, que será então possuir-Vos, gozar do vosso amor? (...) Porque não reservais estas aspirações imensas para as almas grandes, para as águias que revolteiam altíssimas? Eu considero-me uma avezinha débil, coberta com pouca e leve plumagem; não sou uma águia. Da águia só tenho os *olhos* e o *coração*, porque, apesar da minha pequenez extrema, ousou fixar o Sol divino, o Sol do Amor, e o meu coração sente todas as aspirações da águia... A avezinha queria voar para aquele Sol que fascina os olhos, queria imitar as águias, as suas irmãs que vê elevarem-se até à morada divina da Santíssima Trindade... Ai de mim! Tudo o que pode fazer é erguer as suas asinhas, mas voar para longe, isto não está nas suas reduzidas possibilidades. Que será dela? Morrerá de tristeza, vendo-se assim impotente? Não! A avezinha nem sequer se afligirá. Com um ousado abandono, quer ainda fixar o seu Sol divino: nada lhe mete medo, nem vento, nem chuva, e se as nuvens pesadas escondem o Astro de Amor, a avezinha muda de lugar, sabe que para além das nuvens o Sol brilha sempre, que a sua luz não se ofuscará nem por um momento sequer. Em certas ocasiões, o seu coração é assaltado pela tempestade, parece-lhe que nada mais existe senão as nuvens que o circundam; e então é o momento da alegria perfeita para a pobre criaturinha débil. Que felicidade para ela permanecer ali de igual modo e fixar a luz invisível, aquela que se esconde à sua fé» [SANTA TERESA DO MENINO JESUS (1873-1897), *Storia di un'anima o Scritti autobiografici*, em *Gli scritti*, Postulação Geral dos Carmelitas Descalços, 1970, p. 238].

7 – SEJA FEITA A VOSSA VONTADE

(40) «*Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu: para que Vos amemos com todo o coração, pensando sempre em Vós; com toda a alma, sempre Vos desejando; com toda a mente, orientando para Vós todas as nossas intenções e buscando em tudo a vossa honra. E com todas as nossas forças, gastando todas as nossas energias e sensibilidade da alma e do corpo ao serviço do vosso amor e por nada mais; e para que amemos o nosso próximo como a nós mesmos, a todos arrastando com todo o nosso poder para o vosso amor, alegrando-nos pelos bens alheios como se fossem nossos e compadecendo-nos nos males e não ofendendo ninguém*» [SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Gli Scritti di Francesco e Chiara d'Assisi*, ed. Messaggero di Padova, Pádua 1981, pp. 121-122].

(41) «Queridos amigos, antes de nos despedirmos e no momento em que os jovens de Espanha entregam aos do Brasil a cruz das Jornadas Mundiais da Juventude, como Sucessor de Pedro confio a todos os presentes esta insigne incumbência: Levai o conhecimento e o amor de Cristo ao mundo inteiro. Ele quer que sejais os seus apóstolos no século XXI e os mensageiros da sua alegria. Não O desiludais! Muito Obrigado.

Saudação em francês

Chers jeunes de langue française, le Christ vous de mande aujourd'hui d'être enracinés en Lui et de bâtir avec Lui votre vie sur le roc qu'il est Lui-même. Il vous envoie pour être des témoins courageux et sans complexes, authentiques et crédibles! N'ayez pas peur d'être catholiques, c d'en témoigner toujours autour de vous avec simplicité et sincérité! Que l'Église trouve en vous et en votre jeunesse les missionnaires joyeux de la Bonne Nouvelle!

[Queridos jovens de língua francesa, hoje Cristo pede-vos para permanecerdes radicados n'Ele e, com a sua ajuda, edificar a vossa vida sobre a rocha que é Ele mesmo. Ele vos envia para serdes testemunhas corajosas e sem complexos, autênticas e credíveis! Não tenhais medo de ser católicos e dar sempre testemunho disso mesmo ao vosso redor com simplicidade e sinceridade! Que a Igreja encontre em vós e na vossa juventude os missionários radiosos da Boa Nova!]

Saudação em inglês

I greet all the English-speaking young people present here today! As you return home, take back with you the good news of Christ's love which we have experienced in these unforgettable days. Fix your eyes upon him, deepen your knowledge of the Gospel and bring forth abundant fruit! God bless all of you until we meet again!

[Saúdo todos os jovens de língua inglesa presentes hoje aqui! Como agora ides voltar para casa, levai convosco a boa nova do amor de Cristo, que experimentamos nestes dias inesquecíveis. Fixai os vossos olhos n'Ele, aprofundai o vosso conhecimento do Evangelho e produzi frutos abundantes. Deus vos abençoe até nos encontrarmos de novo!]

Saudação em alemão

Meine lieben Freunde! Glaube ist keine Theorie. Glauben heißt, in eine persönliche Beziehung zu Jesus zu treten und die Freundschaft mit ihm in Gemeinschaft mit anderen, in der Gemeinschaft der Kirche zu leben. Vertraut

Christus euer ganzes Leben an, und helfft euren Freunden, daß auch sie zur Quelle des Lebens, zu Gott gelangen. Der herr mache euch zu frohen Zeugen seiner Liebe.

[Meus queridos amigos, a fé não é uma teoria. Crer significa entrar numa relação pessoal com Jesus e viver a amizade com Ele em comunhão com os demais, na comunidade da Igreja. Confiai a Cristo a vossa vida e ajudai os vossos amigos a alcançar a fonte da vida, Deus. Que o Senhor vos torne testemunhas alegres do seu amor].

Saudação em italiano

Cari giovani di lingua italiana! Vi saluto tutti! L'Eucaristia che abbiamo celebrato è Cristo risorto presente e vivo in mezzo a noi: grazie a Lui, la vostra vita è radicata e fondata in Deus, salda nella fede. Con questa certezza, ripartite da Madrid e annunciate a tutti ciò che avete visto e udito. Rispondete con gioia alla chiamata del Signore, seguiteLo e rimanete sempre uniti a Lui: porterete molto frutto!

[Queridos jovens de língua italiana! Saúdo a todos vós. A Eucaristia que celebrámos é Cristo ressuscitado presente e vivo nomeio de nós: graças a Ele, a vossa vida está enraizada e alicerçada em Deus, está firme na fé. Com esta certeza, regressai de Madrid e anunciai a todos o que vistes e ouvistes. Respondei com alegria ao chamamento do Senhor, segui-O pela estrada que vos indicar e permanecei sempre unidos a Ele: produzireis muito fruto!]

Saudação em português

Queridos jovens e amigos de língua portuguesa, encontrastes Jesus Cristo! Sentir-vos-eis em contra-corrente no meio duma sociedade onde impera a cultura relativista que renuncia a buscar e possuir a verdade. Mas foi para este momento da história, cheio de grandes desafios e oportunidades, que o Senhor vos mandou: para que, graças à vossa fé, continue a ressoar a Boa Nova de Cristo por toda a terra. Espero poder encontrar-vos daqui a dois anos, na próxima Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, Brasil. Até lá, rezemos uns pelos outros, dando testemunho da alegria que brota de viver enraizados e edificados em Cristo. Até breve, queridos jovens! Que Deus vos abençoe!

Saudação em polaco

Drodzy mlodzi Polacy, silni wiara, zakorzenieni w Chrystusie! Niech owocuja w was otrzymane w tych dniach od Boga talenty. Badzcie Jego swiadkami. Niescie innym oredzie Ewangelii. Wasza modlitwa i przykladem zycia pomagajcie Europie odnalezc jej chrzescijanskie korzenie.

[*Queridos jovens polacos, fortes na fé, radicados em Cristo! Os dons recebidos de Deus nestes dias produzam em vós fruto s abundantes. Sede as suas testemunhas. Levai aos outros a mensagem do Evangelho. Com a vossa oração e com o exemplo da vida, ajudai a Europa a encontrar de novo as suas raízes cristãs*]» [BENTO XVI, *Angelus* no Aeroporto «Cuatro Vientos» de Madrid (21 de Agosto de 2011)].

8 – ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU (I)

(42) «Sem a sua contribuição, seria verdadeiramente difícil favorecer e melhorar a compreensão entre as nações, conferir respiro universal aos diálogos de paz, garantir ao homem o bem primário da informação, assegurando ao mesmo tempo a livre circulação de intentos a bem nomeadamente dos ideais de solidariedade e justiça social. Sim! Os *media*, no seu conjunto, não servem apenas para a difusão das ideias, mas podem e devem ser também instrumentos ao serviço de um mundo mais justo e solidário. Infelizmente, é bem real o risco de, pelo contrário, se transformarem em sistemas que visam submeter o homem a lógicas ditadas pelos interesses predominantes do momento. É o caso de uma comunicação usada para fins ideológicos ou para a venda de produtos de consumo mediante uma publicidade obsessiva. Com o pretexto de se apresentar a realidade, de **fato** tendese a legitimar e a impor modelos errados de vida pessoal, familiar ou social. Além disso, para atrair os ouvintes, a chamada quota de audiências, por vezes não se hesita em recorrer à transgressão, à vulgaridade e à violência. Existe enfim a possibilidade de serem propostos e defendidos, através dos *media*, modelos de desenvolvimento que, em vez de reduzir, aumentam o desnível tecnológico entre países ricos e pobres» [BENTO XVI, *Mensagem para o 42º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (24 de Janeiro de 2008)].

(43) «Assim, quando o segundo **milênio** já se encaminha para o seu termo, justo que a Igreja assuma com maior consciência peso do pecado dos seus filhos, recordando todas aquelas circunstâncias em que, no arco da história, eles se afastaram do espírito de Cristo e do seu Evangelho, oferecendo ao mundo, em vez do testemunho de uma vida inspirada nos valores da fé, o **espetáculo** de modos de pensar e agir que eram verdadeiras *formas de antitestemunho e de escândalo* . A Igreja (...) não pode transpor o limiar do novo milênio sem impelir os seus filhos a purificarem-se, pelo arrependimento, de erros, infidelidades, incoerências, retardamentos» [JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Tertio millennio adveniente* (1994), n. 33].

(44) Por motivo de brevidade, transcrevem-se aqui apenas duas das sete orações da *Confissão das culpas e pedido de perdão* pronunciadas pelo Santo Padre durante a celebração na Basílica Vaticana em 12 de Março de 2000:

«O Santo Padre: “ *Senhor, Deus de todos os homens, em determinadas épocas da história, os cristãos às vezes contemporizaram com métodos de intolerância e afastaram-se do grande mandamento do amor, desvirtuando assim o rosto da Igreja, vossa Esposa. Tende misericórdia dos vossos filhos pecadores e acolhei o nosso propósito de procurar e promover a verdade na suavidade da caridade, certos de que a verdade não se impõe senão em virtude da própria verdade. Por Cristo Senhor nosso*”».

«O Santo Padre: “ *Senhor do mundo, Pai de todos os homens, por meio do vosso Filho, pedistes-nos para amar o inimigo, fazer bem aos que nos odeiam e rezar pelos nossos perseguidores. Muitas vezes, porém, os cristãos renegaram o Evangelho e, cedendo à lógica da força, violaram os direitos de raças e povos, desprezando as suas culturas e tradições religiosas : sede paciente e misericordioso *conosco* e perdoai-nos! Por Cristo Senhor nosso*”».

[JOÃO PAULO II, *Oração Universal com Confissão das culpas e pedido de perdão durante a Celebração Eucarística do I Domingo da Quaresma, Dia do Perdão* (12 de Março de 2000)].

(45) «Ápice e centro da existência e da missão de cada crente e de cada comunidade cristã é a Eucaristia, sacramento de salvação no qual Cristo Se faz presente e dá como alimento espiritual o seu próprio Corpo e Sangue para a vida eterna. Mistério deveras inefável! Ao redor da Eucaristia nasce e cresce a Igreja, a grande família dos cristãos, na qual se entra pelo *Batismo* e nos renovamos constantemente graças ao sacramento da Reconciliação. Em seguida, por meio do Crisma, os *batizados* são confirmados pelo Espírito Santo para viver como autênticos amigos e testemunhas de Cristo, enquanto os sacramentos da Ordem e do Matrimônio os predispõem para realizar as suas tarefas apostólicas na Igreja e no mundo. A Unção dos Enfermos, enfim, faz-nos experimentar o conforto divino na doença e no sofrimento» [BENTO XVI, *Mensagem para a XXIV Jornada Mundial da Juventude* (22 de Fevereiro de 2009)].

(46) «Gostaria de me deter brevemente sobre a necessidade de reconduzir a Ordem sacra e o *Matrimônio* à única fonte eucarística. De *fato*, estes dois estados de vida têm a mesma raiz: o amor de Cristo, que Se dá a Si mesmo pela salvação

da humanidade; estão chamados a uma missão comum: testemunhar este amor e torná-lo presente no serviço da comunidade, para a edificação do Povo de Deus (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1534). (...) A família é riqueza para os esposos, bem insubstituível para os filhos, fundamento indispensável da sociedade, comunidade vital para o caminho da Igreja.

(...) O ministério que nasce do sacramento do **Matrimônio** é importante para a vida da Igreja: a família é lugar privilegiado de educação humana e cristã e permanece, por esta finalidade, a melhor aliada do ministério sacerdotal; ela é um dom precioso para a edificação da comunidade. Por sua vez, a proximidade do sacerdote à família ajuda-a a tomar consciência da sua realidade profunda e da própria missão, favorecendo o crescimento duma forte sensibilidade eclesial. Nenhuma vocação é uma questão privada, e muito menos a do matrimônio, porque o seu horizonte é a Igreja inteira. Trata-se, portanto, de saber integrar e harmonizar, na atividade pastoral, o ministério sacerdotal com “o Evangelho autêntico do **matrimônio** e da família” (Exort. ap. *Familiaris consortio*, 8) para uma comunhão real e fraterna. E a Eucaristia é o centro e a fonte desta unidade que anima toda a **ação** da Igreja.

Queridos sacerdotes, pelo dom que recebestes na Ordenação, sois chamados a servir como Pastores a comunidade eclesial, que é “família de famílias”, e por conseguinte chamados a amar cada um com coração paterno, com verdadeiro desapego de vós mesmos, com dedicação total, contínua e fiel: vós sois sinal vivo que remete para Cristo Jesus, o único Bom Pastor. Conformai-vos com Ele, com o seu estilo de vida, com aquele serviço total e exclusivo do qual o celibato é expressão. Também o sacerdote tem uma dimensão sponsal; é identificar-se com o coração de Cristo Esposo, que dá a vida pela Igreja sua esposa (cf. Exort. ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 24). Cultivai uma profunda familiaridade com a Palavra de Deus, luz no vosso caminho. A celebração diária e fiel da Eucaristia seja o lugar aonde ir buscar a força para vos oferecerdes a vós mesmos cada dia no ministério e viverdes constantemente na presença de Deus: é Ele a vossa morada e a vossa herança. Disto deveis ser testemunhas para a família e para toda a pessoa (...). Queridos esposos, (...) amai os vossos sacerdotes, manifestai-lhes apreço pelo generoso serviço que desempenham. Sabei suportar também os seus limites, sem nunca renunciar a pedir-lhes que sejam entre vós ministros exemplares que vos falam de Deus e vos conduzem a Deus. A vossa fraternidade é para eles uma preciosa ajuda espiritual e um apoio nas provações da vida.

Queridos sacerdotes e estimados esposos, sabeis encontrar sempre na Santa Missa a força para viver a pertença a Cristo e à sua Igreja, no perdão, no dom de si mesmo e na gratidão. A vossa **atividade cotidiana** tenha a sua origem e o seu centro na comunhão sacramental, a fim de que tu do seja feito para glória de Deus» [BENTO XVI, *Discurso no encontro com as famílias e os sacerdotes na Catedral de São Ciríaco de Ancona por ocasião da Conclusão do XXV Congresso Eucarístico Nacional Italiano* (11 de Setembro de 2011)].

(47) «Há pastores a quem agrada o nome de pastores,mas não querem cumprir os deveres de pastores (...). Deus me ajude a dizer coisas verdadeiras, porque não pretendo expor ideias próprias. Porque se eu propusesse ideias pessoais, também eu seria daqueles pastores que, em vez de apascentar as ovelhas, se apascentam a si mesmos; mas se é d'Ele o que dizemos, então é Ele que vos apascenta por intermédio de mim. (...) Quem são os que se apascentam a si mesmos? Aqueles de quem o Apóstolo afirma: «To dos procuram os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo» (*Fl* 2, 21). (...) Há muitos que, sendo cristãos e não bispos, chegam até Deus, percorrendo um caminho mais fácil e progredindo nele tanto mais **rapidamente** quanto menor é o peso da responsabilidade que suportam. Nós, porém, devemos dar contas a Deus pela nossa própria vida, como cristãos; mas, além disso, devemos dar contas a Deus pelo exercício do nosso ministério, como pastores» [SANTO AGOSTINHO (354-430), *Sermão sobre os Pastores* , n. 46, 1-2: CCL 41, 529-530. Cf. *Liturgia das Horas*, IV, 291-292].

(48) «Na verdade, é inimigo do Redentor quem, através das obras justas que faz, aspira a ser amado pela Igreja no lugar d'Ele; e é tão réu de pensamento adúltero como o seria um servo, por meio do qual o noivo envia presentes à noiva, que anelasse encantar os olhos dela. Porque o amor próprio, quando se apodera duma guia das almas, arrasta-a umas vezes para uma moleza desordenada e outras, ao contrário, para um duro rigorismo. (...) Por isso, justamente, se diz pelo profeta: *Ai daquelas que costuram almofadas para cada cotovelo e fazem travesseiros para cabeças de toda a idade, a fim de seduzir almas* (Ez 13, 18). Colocar almofadas sob cada cotovelo é confortar com suave adulação as almas que falham à própria **retidão** e retornam aos prazeres deste mundo. E é como acolher sobre uma almofada ou um travesseiro o cotovelo ou a cabeça de alguém que se reclina, quando se subtrai o pecador à dureza da punição e lhe são oferecidas as molezas da benevolência, de modo que quem não é atingido por alguma dura contradição jaza **pusilanimemente** no erro. E as guias das almas que se amam a si mesmas, sem dúvida, oferecem estas coisas àqueles de quem temem que as possa prejudicar na sua busca da glória mundana. Na verdade, oprimem com a dureza duma repreensão sempre dura e violenta aqueles que vêm não terem força alguma contra elas, e nunca os advertem benignamente mas, esquecidas da mansidão do Pastor, aterrorizam-nos em virtude do seu poder. A Palavra de Deus justamente os repreende, quando diz por meio do Profeta: *A todas tratastes com violência e dureza* (Ez 34, 4). Na verdade, amando-se mais a si próprios que ao seu Criador, levantam-se contra os súbditos com arrogância, não atendendo àquilo que têm obrigação de fazer, mas àquilo sobre que têm a força; sem qualquer medo do juízo que se seguirá, vangloriam-se descaradamente do seu poder temporal, desde que possam realizar arbitrariamente mesmo coisas ilícitas e nenhum dos súbditos os contradiga. Portanto, aquele que deseja viver iniquamente e sem que os outros abram a boca, testemunha contra si mesmo que deseja que se ame a ele mais do que à verdade, pois não quer que esta seja defendida contra ele. (...) Ao contrário, aquele que não quer ser poupado por ninguém com dano da verdade, deseja que se

ame a verdade mais do que a ele próprio. Por isso mesmo, Pedro recebe de bom grado a censura de Paulo (cf. *Gl* 2, 11-14); por isso, **Davi** ouviu, humildemente, a **correção** de um **súdito** (cf. *2 Sm* 12, 7-13); é que as boas guias das almas não se sabem amar com um amor particular e consideram como uma humilde deferência dos **súditos** uma palavra inspirada por uma livre pureza do espírito. Mas sobretudo é necessário que o cuidado pelo governo das almas seja temperado por tão sábia moderação que os súditos tenham a possibilidade de exprimir livremente aquilo que **retamente** advertiram, embora esta liberdade não deva ser tal que depois irrompa em soberba; (...) saiba-se ainda que convém que as boas guias das almas desejem agradar aos homens, mas só para atrair o próximo ao amor da verdade através da suavidade da estima que elas inspiram; não para desejar serem amadas, mas para fazer do amor de que são **objeto** como que um caminho pelo qual introduzir no amor do Criador os corações daqueles que as ouvem. É que um pregador que não for amado, embora diga a verdade, dificilmente é ouvido de boa vontade. Assim, quem preside deve esforçar-se por se fazer amar para poder ser ouvido; e todavia não deve procurar amor para si próprio» [SÃO GREGÓRIO MAGNO (540-604), *La Regola Pastorale*, II, 8, Città Nuova, Roma 1981, pp. 96-98] .

(49) «O mundo contemporâneo não criou, porventura, os seus próprios ídolos? Acaso não imitou – talvez sem dar por isso – os pagãos da Antiguidade, desviando o homem do seu fim verdadeiro, da felicidade de viver eternamente com Deus? (...) Tentação de idolatrar um passado que já não existe, esquecendo as suas carências; tentação de idolatrar um futuro que ainda não existe, julgando que o homem possa, simplesmente com as suas forças, realizar a felicidade eterna na terra! São Paulo explica aos Colossenses que a cobiça insaciável é uma idolatria (cf. 3, 5) e recorda ao seu discípulo Timóteo que a avidez do dinheiro é a raiz de todos os males. Por se terem apegado a isto, esclarece ele, “ *alguns desviaram-se da fé e enredaram-se em muitas aflições*” (*1 Tm* 6, 10). Porventura o dinheiro, a sede do ter, do poder e mesmo do saber não desviaram o homem do seu Fim verdadeiro, da sua própria verdade? (...) Deus jamais pede ao homem que faça o sacrifício da própria razão. A razão nunca entra em contradição real com a fé. O único Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – criou a nossa razão e dá-nos a fé, propondo à nossa liberdade que a receba como um dom precioso. É o culto dos ídolos que desvia o homem desta perspectiva, e a própria razão pode forjar ídolos para si mesma. Por conseguinte peçamos a Deus, que nos vê e ouve, que nos ajude a purificar-nos de todos os ídolos, para chegarmos à verdade do nosso ser, para chegarmos à verdade do seu Ser infinito» [BENTO XVI, *Homilia durante a Santa Missa na «Esplanade des Invalides», em Paris* (13 de Setembro de 2008)].

(50) «À vista do abuso do poder **econômico**, perante a crueldade do capitalismo que degrada o homem ao nível de simples mercadoria, começamos a ver mais claramente os perigos da riqueza e compreendemos de maneira nova o que pretendia Jesus ao acautelar-nos da riqueza, do deus *mamon* [dinheiro] que

destrói o homem estrangulando com a sua mão cruel grande parte do mundo» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré* (1ª parte: Do **Batismo** no Jordão até à Transfiguração), cap. 4, A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, p. 139].

(51) «Ao publicar a encíclica *Populorum progressio* em 1967, o meu venerado predecessor Paulo VI iluminou o grande tema do desenvolvimento dos povos com o esplendor da verdade e com a luz suave da caridade de Cristo.

Afirmou que o anúncio de Cristo é o primeiro e principal **fator** de desenvolvimento e deixou-nos a recomendação de caminhar pela estrada do desenvolvimento com todo o nosso coração e com toda a nossa inteligência, ou seja, com o ardor da caridade e a sapiência da verdade. É a verdade originária do amor de Deus – graça a nós concedida – que abre ao dom a nossa vida e torna possível esperar num “desenvolvimento do homem todo e de todos os homens” (*Populorum progressio*, 42)» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 8].

(52) «Quando os homens descobrem, sob a influência do Paráclito, esta dimensão divina do seu ser e da sua vida, quer como pessoas quer como comunidades, estão em condições de *libertar-se dos diversos determinismos*, que resultam principalmente das bases materialistas do pensamento, da práxis e da sua relativa metodologia. Na nossa época, estes **fatores** conseguiram penetrar até ao mais íntimo do homem, naquele santuário da consciência, onde o Espírito Santo continuamente faz entrar a luz e a força da vida nova segundo a “liberdade dos filhos de Deus”. O amadurecimento do homem nesta vida nova é impedido pelos condicionamentos e pressões, que exercem sobre ele as estruturas e os mecanismos dominantes nos diversos **setores** da sociedade. Pode dizer-se que, em muitos casos, os **fatores** sociais, em vez de favorecerem o desenvolvimento e a expansão do espírito humano, acabam por arrancá-lo à genuína verdade do seu ser e da sua vida – sobre a qual vela o Espírito Santo – para o sujeitar ao «príncipe deste mundo» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem* (1986), n. 60].

9 – ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU (II)

(53) «A Palavra revelada, a humanidade de Cristo e a sua Igreja são as três expressões máximas da sua manifestação e da sua doação aos homens. “Veja cada um como edifica... Ninguém pode pôr outro fundamento, diverso daquele que já foi posto, isto é, Jesus Cristo” 1(*Cor* 3, 10-11) (...). O Senhor Jesus é a pedra que suporta o peso do mundo, que mantém a coesão da Igreja e que recolhe na unidade final todas as conquistas da humanidade. N’Ele temos a Palavra e a Presença de Deus, e é d’Ele que a Igreja recebe a sua vida, a sua doutrina e a sua missão. A Igreja não tem consistência por si mesma, mas é chamada a ser sinal e instrumento de Cristo, em pura docilidade à sua autoridade e em serviço total ao seu mandato. O único Cristo funda a única Igreja; Ele é a

rocha sobre a qual se funda a nossa fé. Apoiados sobre esta fé, procuremos juntos mostrar ao mundo o Rosto de Deus, que é amor e o Único que pode responder ao anseio de plenitude do homem. Eis a grande tarefa: mostrar a todos que Deus é Deus de paz e não de violência, de liberdade e não de **coação**, de concórdia e não de discórdia» [BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa para a dedicação da Basílica da Sagrada Família e do Altar* (7 de Novembro de 2010)].

(54) «A Igreja realiza a sua missão por meio da evangelização que transmite a fé de Cristo e através da busca da justiça e da paz operam a transformação do mundo. A Eucaristia é a fonte e o ápice da evangelização e da transformação do mundo. Ela tem o poder de despertar para a esperança da vida eterna aqueles que se vêem tentados pelo desespero. Ela abre à partilha quantos se sentem tentados a fechar as mãos. Ela coloca em primeiro lugar não a divisão mas a reconciliação. Ela põe a vida e a dignidade humana no centro do compromisso da fé. Numa sociedade muitas vezes dominada por uma “cultura de morte”, exacerbada pela busca do bem-estar individual, do poder ou do dinheiro, a Eucaristia recorda o direito dos pobres e o dever da justiça e da solidariedade. Ela desperta a comunidade para o dom imenso da nova aliança que chama a humanidade inteira a tornar-se hoje mais acolhedora do que nunca»

[PONTIFÍCIO COMITÉ PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS, *A Eucaristia dom de Deus para a vida do Mundo. Documento teológico de base para o 49º Congresso Eucarístico Internacional no Quebec* (2008) n. 5-A].

(55) «O desenvolvimento contemporâneo e o progresso, nos quais participamos, são o fruto da aliança com a sabedoria divina? (...) **Por que** será que, depois de um certo tempo, o homem descobriu em todo este gigantesco progresso uma fonte de *ameaça para si mesmo*? De que maneira e por que vias se chegou ao **fato** que, no coração mesmo da ciência e da técnica moderna, tenha aparecido a possibilidade duma gigantesca autodestruição do homem; ao **fato** que a vida quotidiana oferece tantas provas do uso, *contra o homem*, do que devia ser a favor do homem e devia estar ao serviço do homem? Como se chegou aqui? O homem, no caminho para o progresso, não tomou talvez como único caminho o *mais fácil*, esquecendo-se da aliança com a sabedoria eterna? Não tomou ele talvez o caminho “largo” esquecendo-se do caminho “estreito” (cf. *Mt 7, 13-14*)?» [JOÃO PAULO II, *Homilia da Missa no aeroporto «Le Bourget»*, Visita Pastoral a Paris e Lisieux (1 de Junho de 1980)].

(56) «A íntima relação com Deus, no Espírito Santo, faz com que o homem também se compreenda de uma maneira nova a si mesmo, à sua própria humanidade. É realizada assim, plenamente, aquela imagem e semelhança de Deus, que o homem é desde o princípio. Esta verdade íntima do homem deve ser continuamente redescoberta à luz de Cristo, que é o protótipo da relação com

Deus; e, na mesma verdade, deve ser igualmente redescoberta a razão de o homem não poder “encontrar-se plenamente a não ser no dom sincero de si mesmo”, ao conviver com os outros homens» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem* (1986), n. 59].

(57) «Alguns olham para Igreja, detendo-se no seu aspecto exterior. Então ela aparece-lhes apenas como uma das muitas organizações presentes numa sociedade democrática; e, segundo as normas e leis desta, se deve depois avaliar e tratar inclusive uma figura tão difícil de compreender como é a “Igreja”. Se depois se vem juntar ainda a experiência dolorosa de que, na Igreja, há peixes bons e maus, trigo e joio, e se o olhar se fixa nas realidades negativas, então nunca mais se desvenda o mistério grande e belo da Igreja. Consequentemente deixa de assomar qualquer alegria pelo **fato** de se pertencer a uma tal videira que é “Igreja”. Crescem insatisfação e descontentamento, se não virem realizadas as próprias ideias superficiais e **errôneas** de “Igreja” e os próprios “sonhos de Igreja”! (...) A Igreja é o dom mais belo de Deus. Por isso, Agostinho podia dizer: “Cada um possui o Espírito Santo na medida em que ama a Igreja” (*In Ioan. Ev. tract. 32, 8: PL 35, 1646*). Com a Igreja e na Igreja, podemos anunciar a todos os homens que Cristo é a fonte da vida, que Ele está presente, que é a realidade grande que procuramos e pela qual anelamos. Ele dá-**Se** a Si mesmo, e assim dá-nos Deus, a felicidade, o amor. Quem crê em Cristo, tem um futuro. Porque Deus não quer aquilo que é árido, morto, artificial, e que no fim é **jogado** fora, mas quer o que é fecundo e vivo, a vida em abundância; e é Ele que nos dá a vida em abundância» [BENTO XVI, *Homilia da Missa no «Olympiastadion» de Berlim* (22 de Setembro de 2011)].

(58) «O anúncio do Evangelho é próprio do Bispo, que pode afirmar também, como São Paulo: “Se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me é imposta essa obrigação: Ai de mim se não evangelizar!” (*1 Cor 9, 16*). Os fiéis, para confirmar e purificar a sua fé, têm necessidade da palavra do seu Bispo, que é o catequista por excelência. (...) A missão do Bispo impele-o a ser o principal defensor dos direitos dos pobres, a suscitar e favorecer o exercício da caridade, manifestação do amor do Senhor pelos humildes. Assim os fiéis são levados a descobrir concretamente que a Igreja é uma verdadeira família de Deus, congregada pelo amor fraterno, que exclui todo o etnocentrismo e particularismo excessivos e contribui para a reconciliação e a colaboração entre as etnias para o bem de todos» [BENTO XVI, *Discurso durante o Encontro com os Bispos dos Camarões na Igreja de Cristo-Rei no Bairro de Tsinga em Yaoundé*(18 de Março de 2009)].

(59) «A atitude *missionária* começa sempre por um sentimento de profunda estima para com aquilo “que há no homem” (*Jo 2, 25*), por aquilo que ele, no íntimo do seu espírito, elaborou quanto aos problemas mais profundos e mais importantes; trata-se de respeito para com aquilo que nele operou o Espírito, que

“sopra onde quer” (*Jo* 3, 8). A missão não é nunca uma destruição, mas uma reassunção de valores e uma nova construção, ainda que na prática nem sempre tenha havido plena correspondência com um ideal assim tão elevado. A conversão, que da missão deve tomar início, sabemos bem que é obra da graça, na qual o homem **deve** encontrar-se plenamente a si mesmo. (...) É este homem assim que é a via da Igreja; via que se encontra, de certo modo, na base de todas aquelas vias pelas quais a Igreja deve caminhar, porque o homem – todos e cada um dos homens, sem **exceção** alguma – foi remido por Cristo; e porque com o homem – cada homem, sem **exceção** alguma – Cristo de algum modo se uniu, mesmo quando tal homem disse não se a cha consciente» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptor hominis* (1979), nn. 12 e 14].

(60) «Anunciar Jesus Cristo, único Salvador do mundo, “constitui a missão essencial da Igreja, tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade **atual** tornam ainda mais urgentes” (Exort. apost. *Evangelii nuntiandi*, 14). Aliás, hoje, sentimos a urgência de promover, com novo vigor e novas modalidades, a obra de evangelização num mundo onde a queda das fronteiras e os novos processos de globalização deixaram as pessoas e os povos ainda mais próximos, tanto pela expansão dos meios de comunicação, como pela frequência e a facilidade com que indivíduos e grupos se podem deslocar. (...)

Com efeito, a hora presente chama a Igreja a realizar uma *nova evangelização* inclusive no vasto e complexo **fenômeno** da mobilidade humana, intensificando a **ação** missionária tanto nas regiões de primeiro anúncio, como nos países de tradição cristã. (...) As **atuais** e palpáveis consequências da secularização, a aparição de novos movimentos sectários, uma difundida insensibilidade à fé cristã, uma acentuada tendência à fragmentação, tornam difícil focalizar uma referência unificadora que encoraje a formação de “uma só família de irmãos e irmãs em sociedades que se tornam cada vez mais multiétnicas e interculturais, onde também as pessoas de várias religiões são estimuladas ao diálogo, para que se possa encontrar uma serena e frutuosa convivência no respeito das legítimas diferenças”, como eu escrevia na Mensagem do ano passado para este Dia Mundial. (...) Aqui a Igreja enfrenta o desafio de ajudar os migrantes a manterem firme a fé, mesmo quando falta o apoio cultural que existia no país de origem, lançando mão inclusive de novas estratégias pastorais, assim como de métodos e linguagens para um acolhimento vivo da Palavra de Deus. (...) O **atual fenômeno** migratório é também uma oportunidade providencial para o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo. Homens e mulheres provenientes das mais diversas regiões da terra, que ainda não encontraram Jesus Cristo ou que O conhecem só de maneira parcial, pedem para ser acolhidos em países de antiga tradição cristã. Em relação a eles, é necessário encontrar modalidades adequadas para que possam encontrar e conhecer Jesus Cristo e experimentar o dom inestimável da salvação, que para todos é fonte de “vida em abundância” (cf. *Jo* 10, 10). (...) Os refugiados que pedem asilo, fugindo de perseguições, violências e situações que põem em perigo a sua vida,

têm necessidade da nossa compreensão e acolhimento, do respeito pela sua dignidade humana e seus direitos, assim como da consciência dos seus deveres» [BENTO XVI, *Mensagem para o 98º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, em 2012* (21 de Setembro de 2011)].

(61) «A crença religiosa genuína indica-nos, para além da utilidade presente, a transcendência. Recorda-nos a possibilidade e o imperativo da conversão moral, da obrigação de viver de modo pacífico com o nosso próximo, da importância de levar uma vida íntegra. Devidamente compreendida, ela suscita a iluminação, purifica os nossos corações e inspira gestos nobres e generosos em benefício de toda a família humana. Impele-nos a cultivar a prática da virtude e a aproximarmos um do outro com amor, no maior respeito pelas tradições religiosas que são diferentes da nossa. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica tem dado uma ênfase especial à importância do diálogo e da colaboração com os seguidores das demais religiões. E para que ele seja frutuoso, é necessário que haja a reciprocidade por parte de todos os componentes em diálogo e por parte dos seguidores das outras religiões. Penso de maneira particular nas situações em algumas regiões do mundo, onde a colaboração e o diálogo entre as religiões exige o respeito recíproco, a liberdade de praticar a sua própria religião e de realizar atos de culto público, assim como a liberdade de seguir a própria consciência, sem sofrer ostracismo nem perseguição, mesmo depois da conversão de uma religião para outra» [BENTO XVI, *Discurso aos Representantes Institucionais e Leigos de outras Religiões no Waldegrave Drawing Room do St Mary's University College de Twickenham em Londres* (17 de Setembro de 2010)].

(62) «Na nossa sociedade cada vez mais secularizada, na qual também nós cristãos muitas vezes temos dificuldade em falar da dimensão transcendente da nossa existência, precisamos **encontrar** novos caminhos para transmitir aos jovens a beleza e a riqueza da amizade com Jesus Cristo na comunhão da sua Igreja. (...) Há necessidade de uma nova visão para inspirar a geração **atual** e as futuras a conservar o dom da nossa fé comum. Caminhando pela via indicada pelo Evangelho, observando os mandamentos e conformando a vossa vida de maneira cada vez mais íntima com a pessoa de Jesus Cristo, fareis experiência daquela renovação profunda de que hoje há tão urgente necessidade. Convido-vos a todos a perseverar neste caminho» [BENTO XVI, *Carta pastoral aos católicos da Irlanda* (19 de Março de 2010), n. 12].

(63) «Tenho a certeza de que uma redescoberta de Jesus Cristo, Verbo que Se fez carne, nosso Salvador, levará a uma nova descoberta da identidade pessoal, social e cultural dos fiéis. Longe de confundir a diversidade e a complementaridade dos carismas e das funções dos ministros ordenados e dos fiéis leigos, uma identidade católica revigorada **deve** fazer renascer a paixão pela evangelização, que é própria da vocação de todos os fiéis e da natureza da Igreja (cf. Instrução *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, nn. 23-24)» [BENTO XVI, *Discurso aos*

Bispos da Conferência Episcopal do Canadá-Atlântico em Visita «ad limina Apostolorum» (20 de Maio de 2006)].

(64) «Igualmente importante é a relação entre fé e arte, porque a verdade, **objetivo** e meta da razão, se exprime na beleza e ela mesma se torna tal na beleza, prova-se como verdade. Portanto onde há a verdade deve nascer a beleza, onde o ser humano se realiza de maneira **correta**, boa, exprime-se na beleza. É indivisível a relação entre verdade e beleza, e por isso precisamos da beleza. (...) Assim a Igreja foi mãe das artes durante muitos séculos: o grande tesouro da arte ocidental – música, **arquitetura**, pintura – nasceu da fé no âmbito da Igreja. Hoje reina um certo “dissídio”, mas isto prejudica tanto a arte como a fé: a arte que perdesse a raiz da transcendência, deixaria de orientar-se para Deus, seria uma arte a meias, perderia a raiz viva; (...) devemos fazer o possível por que a fé se exprima, também hoje, em arte autêntica» [BENTO XVI, *Entrevista concedida aos jornalistas durante o vôo para Espanha* (6 de Novembro de 2010)].

(65) «Nova evangelização: (...) “nova” na busca de modalidades que correspondam à força do Espírito Santo e sejam adaptadas aos tempos e às situações; (...) a Igreja constitui no mundo uma imensa força renovadora, decerto não pelas suas forças, mas pela força do Evangelho, em que sopra o Espírito Santo de Deus, o Deus criador e redentor do mundo. (...) Também o homem do terceiro **milênio** aspira a uma vida autêntica e plena, tem necessidade de verdade, de liberdade profunda, de amor gratuito. Até nos desertos do mundo secularizado, a alma do homem tem sede de Deus, do Deus vivo. Por isso, João Paulo II escrevia: “A missão de Cristo Redentor (...) ; uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão ainda está no início e que devemos empenhar-nos com todas as forças ao seu serviço” (Enc. *Redemptoris missio*, 1)» [BENTO XVI, *Homilia nas Primeiras Vésperas da Solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo* , na Basílica de São Paulo Extramuros (28 de Junho de 2010)].

10 – O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE

(66) «O trabalho constitui o fundamento sobre o qual se edifica a *vida familiar*, que é um direito fundamental e uma vocação do homem. (...) Como é evidente, entram aqui em jogo, num certo sentido, dois aspectos do trabalho: o que faz dele algo que permite a vida e a manutenção da família, e aquele outro mediante o qual se realizam as finalidades da mesma família, especialmente a educação. Não obstante a distinção, estes dois aspectos do trabalho estão ligados entre si e completam-se em vários pontos. (...) Com e feito, a família é, ao mesmo tempo, *uma comunidade tornada possível pelo trabalho* e a *primeira escola interna de trabalho* para todos e cada um dos homens. (...) Tudo isto faz com que o homem ligue a sua identidade humana mais profunda ao **fato** de pertencer a uma nação, e encare o seu trabalho também como algo que irá aumentar o bem comum procurado juntamente com os seus compatriotas, dando-se conta assim de que, por

este meio, o trabalho serve para multiplicar o **patrimônio** da inteira família humana, de todos os homens que vivem no mundo» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Laborem exercens* (1981), n. 10].

(67) «A tal propósito, é bom recordar que a globalização **deve** ser entendida, sem dúvida, como um processo **socioeconômico**, mas esta sua dimensão não é a única. Sob o processo mais visível, há a realidade duma humanidade que se torna cada vez mais interligada (...). A verdade da globalização enquanto processo e o seu critério ético fundamental provêm da unidade da família humana e do seu desenvolvimento no bem. Por isso, é preciso empenhar-se sem cessar por *favorecer uma orientação cultural personalista e comunitária, aberta à transcendência, do processo de integração mundial*. Não obstante algumas limitações estruturais, que não se **devem** negar nem absolutizar, “a globalização *a priori* não é boa nem má. Será aquilo que as pessoas fizerem dela”. Não devemos ser vítimas dela, mas protagonistas, **atuando** com bom senso, guiados pela caridade e a verdade» [BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (2009), n. 42].

(68) «Queridos jovens, escutai verdadeiramente as palavras do Senhor, para que sejam em vós “espírito e vida” (*Jo* 6, 63), raízes que alimentam o vosso ser, linhas de conduta que nos assemelham à pessoa de Cristo, sendo pobres em espírito, famintos de justiça, misericordiosos, puros de coração, amantes da paz. Escutai-as cada dia com perseverança, como se faz com o Amigo verdadeiro que não nos engana e com o qual queremos partilhar o caminho da vida. Bem sabeis que, quando não se caminha ao lado de Cristo, que nos guia, extraviamo-nos por outras sendas como a dos nossos impulsos cegos e egoístas, a de propostas lisonjeiras mas interesseiras, enganadoras e volúveis, que atrás de si deixam o vazio e a frustração. (...) Edificando-a sobre a rocha firme, a vossa vida será não só segura e estável, mas contribuirá também para **projetar** a luz de Cristo sobre os vossos coetâneos e sobre toda a humanidade, mostrando uma alternativa válida a muitos que viram a sua vida desmoronar-se, porque os alicerces da sua existência eram inconsistentes: a muitos que se contentam com seguir as correntes da moda, se refugiam no interesse imediato, esquecendo a justiça verdadeira, ou se refugiam em opiniões pessoais em vez de procurar a verdade sem **adjetivos**. Sim, há muitos que, julgando-se deuses, pensam que não têm necessidade de outras raízes nem de outros alicerces para além de si mesmo. Desejariam decidir, por si sós, o que é verdade ou não, o que é bom ou mau, justo ou injusto; decidir quem é digno de viver ou pode ser sacrificado nas aras de outras preferências; em cada momento dar um passo à sorte, sem rumo fixo, deixando-se levar pelo impulso de cada instante. Estas tentações estão sempre à espreita» [BENTO XVI, *Discurso na Festa de Acolhimento dos jovens vindos para a XXVI Jornada Mundial da Juventude*, em Madrid (18 de Agosto de 2011)].

(69) «A dimensão divina da Redenção não se verifica somente em ter feito justiça do pecado, mas também no **fato** de ter restituído ao amor a força criativa, graças à qual o homem tem novamente acesso à plenitude de vida e de santidade, que provém de Deus. Deste modo, a Redenção traz em si a revelação da misericórdia na sua plenitude. O mistério pascal é o ponto culminante da revelação e **atuação** da misericórdia, capaz de justificar o homem e de restabelecer a justiça como realização do desígnio salvífico que Deus, desde o princípio, tinha querido realizar no homem e, por meio do homem, no mundo» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dives in misericordia* (1980), n. 7].

(70) «Em tal situação, o ofuscamento ou a debilitação do sentido do pecado resulta, seja da recusa de qualquer referência ao transcendente, em nome da aspiração à autonomia pessoal; seja da sujeição a modelos éticos impostos pelo consenso e costume generalizado, mesmo quando são condenados pela consciência individual; seja das dramáticas condições **socioeconômicas**, que oprimem grande parte da humanidade, causando a tendência para se verem erros e culpas apenas no âmbito do social; seja, por fim e sobretudo, do obscurecimento da ideia da paternidade de Deus e do seu domínio sobre a vida do homem. Até mesmo no campo do pensamento e da vida eclesial, algumas tendências favorecem inevitavelmente o declínio do sentido do pecado. Alguns, por exemplo, tendem a substituir posições exageradas do passado por outros exageros: assim, da atitude de ver o pecado em toda a parte passa-se a não o vislumbrar em lado nenhum; da demasiada acentuação do temor das penas eternas, à pregação dum amor de Deus que excluiria toda e qualquer pena merecida pelo pecado; da severidade no esforço para corrigir as consciências **errôneas**, a um pretensoso respeito pela consciência, até suprimir o dever de dizer a verdade. E por que não acrescentar que a *confusão*, criada na consciência de muitos fiéis pelas divergências de opiniões e de ensinamentos na teologia, na pregação, na catequese e na **direção** espiritual, *acerca de questões graves e delicadas da moral cristã*, acaba por fazer diminuir, quase até à sua extinção, o verdadeiro sentido do pecado?» [JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Reconciliatio et paenitentia* (1984), n. 18].

(71) «O Papa João Paulo II, na esteira de quanto já expressara o Papa Paulo VI na Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, tinha de muitos modos lembrado aos fiéis a necessidade de uma nova estação missionária para todo o Povo de Deus. Na alvorada do terceiro **milênio**, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa Nova, mas há também muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho. Há muitos irmãos que são “**batizados** mas não suficientemente evangelizados”. É frequente ver nações, outrora ricas de fé e de vocações, que vão perdendo a própria identidade, sob a influência de uma cultura secularizada. A exigência de uma nova evangelização, tão sentida pelo meu venerado Predecessor, deve-se reafirmar sem

medo, na certeza da eficácia da Palavra divina. A Igreja, segura da fidelidade do seu Senhor, não se cansa de anunciar a boa nova do Evangelho e convida todos os cristãos a redescobrirem o fascínio de seguir Cristo» [BENTO XVI, Exortação apostólica *Verbum Domini* (2010), n. 96].

(72) «Como administrador do *sacramento da Reconciliação*, o sacerdote cumpre o mandato transmitido por Cristo aos Apóstolos, depois da sua ressurreição: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (*Jo* 20, 22-23). O sacerdote é testemunha e instrumento da misericórdia divina! Como é importante o serviço do confessorário na sua vida! É precisamente no confessorário que a *sua paternidade espiritual* se realiza mais plenamente. É no confessorário que cada sacerdote se torna testemunha dos grandes milagres que a misericórdia divina opera na alma que aceita a graça da conversão.

Importa, porém, que cada sacerdote, ao serviço dos irmãos no confessorário, saiba ele mesmo fazer a experiência desta misericórdia de Deus, através da sua confissão habitual e da *direção* espiritual. Administrador dos mistérios divinos, o sacerdote é uma *testemunha especial do Invisível* no mundo [JOÃO PAULO II, *Dom e Mistério*, Paulinas, Lisboa 1996, p. 97].

(73) «Portanto, o Esposo, que é um só com o Pai e um só com a esposa, destruiu o que havia de menos santo na esposa, cravando-o na cruz; tomou sobre Si os seus pecados no madeiro da cruz e destruiu-os pela cruz. Assumiu o que era próprio da natureza da esposa e concedeu-lhe o que era próprio da sua divindade. Suprimiu o que era diabólico, tomou o que era humano, deu o que era divino. (...) Por conseguinte, a Igreja nada pode perdoar sem Cristo, e Cristo nada quer perdoar sem a Igreja. A Igreja não pode perdoar senão a quem se arrepende, isto é, a quem Cristo tocou com a sua graça; e Cristo não quer perdoar a quem despreza a Igreja. (...) “Não separe o homem o que Deus uniu. Eu digo: É grande este mistério em relação a Cristo e à Igreja” (*Mt* 19, 6; *Ef* 5, 32). Não separe, portanto, a cabeça do corpo, não impeças a *ação* do Cristo total, porque nem Cristo é total sem a Igreja, nem a Igreja é total sem Cristo» [Beato ISAAC DE L'ÉTOILE (1100ca.-1169), *Sermões*, n. 11: *PL* 194, 1728-1729. Cf. *Liturgia das Horas*, IV, 283-284].

(74) «Pedro chama a Jesus o "Príncipe dos Pastores" (*I Pd* 5, 4), porque a sua obra e missão continuam na Igreja através dos Apóstolos (cf. *Jo* 21, 15-17) e seus sucessores (cf. *I Pd* 5, 1-4), e através dos presbíteros. Em virtude da sua consagração, estes são configurados a Jesus Bom Pastor e são chamados a imitar e a reviver a sua própria caridade pastoral. (...).

Jesus é o verdadeiro Esposo que oferece o vinho da salvação à Igreja (cf. *Jo* 2, 1-11). Ele, que é "cabeça da Igreja (...) e salvador do seu corpo" (*Ef* 5, 23), "amou a Igreja e entregou-Se a Si mesmo por ela, a fim de a tornar santa, purificando-a por meio do banho da água acompanhado da palavra, de modo a fazer aparecer diante de Si a Igreja resplandecente, sem mancha nem ruga ou qualquer coisa de

semelhante, mas santa e imaculada" (*Ef* 5, 25-27). A Igreja é, **efetivamente**, o Corpo, no qual está presente e operante Jesus Cristo Cabeça, mas é também a Esposa, que surge como nova Eva do lado aberto do Redentor sobre a cruz: por isto mesmo, Cristo está "diante" da Igreja, "alimenta-a e cuida dela" (*Ef* 5, 29) com o dom da sua vida. O sacerdote é chamado a ser imagem viva de Jesus Cristo, Esposo da Igreja: certamente ele permanece sempre parte da comunidade como crente, juntamente com todos os outros irmãos e irmãs convocados pelo Espírito, mas por força da sua configuração a Cristo Cabeça e Pastor, encontra-se na referida posição de esposo perante a comunidade. "Enquanto representa a Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, o sacerdote coloca-se não só na Igreja mas perante a Igreja". Portanto ele é chamado, na sua vida espiritual, a reviver o amor de Cristo Esposo na sua relação com a Igreja Esposa. A sua vida deve iluminar-se e orientar-se também por este tratamento nupcial que lhe exige ser testemunha do amor nupcial de Cristo; ser, por conseguinte, capaz de amar a gente com um coração novo, grande e puro, com um autêntico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, juntamente com uma espécie de "ciúme" divino (cf. *2 Cor* 11, 2), com uma ternura que reveste inclusivamente os matizes do **afeto** materno, capaz de assumir as "dores de parto" até que "Cristo seja formado" nos fiéis (cf. *Gl* 4, 19)» [JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Pastores dabo vobis* (1992), n. 22].

(75) «Deus não deixa de chamar homens e mulheres para o seu serviço: temos que dar graças ao Senhor por isto, intensificando a oração a fim de que Ele continue a enviar trabalhadores para a sua messe (cf. *Mt* 9, 37). É tarefa primária dos Bispos promover a pastoral vocacional e a formação humana, espiritual e intelectual dos candidatos ao Sacerdócio nos Seminários e nos outros Institutos de formação (cf. *Optatam totius*, 2.4), garantindo-lhes a possibilidade de adquirir uma profunda espiritualidade e uma rigorosa preparação filosófico-teológica e pastoral, inclusivamente através da escolha atenta dos educadores e dos professores» [BENTO XVI, *Discurso aos Bispos da Conferência Episcopal da Romênia em Visita «ad limina Apostolorum»* (12 de Fevereiro de 2010)].

(76) «Todos os sacerdotes se dediquem com generosidade, empenho e competência à administração do sacramento da Reconciliação. A propósito, procure-se que, nas nossas igrejas, os confessionários sejam bem visíveis e expressivos do significado deste sacramento. Peço a os pastores que vigiem atentamente sobre a celebração do sacramento da Reconciliação, limitando a prática da absolvição geral exclusivamente aos casos previstos, permanecendo como forma ordinária de absolvição apenas a pessoal. Vista a necessidade de descobrir novamente o perdão sacramental, haja em todas as dioceses o *Penitenciário*. Por último, pode servir de válida ajuda para a nova tomada de consciência desta relação entre a Eucaristia e a Reconciliação uma prática equilibrada e conscienciosa da *indulgência*, lucrada a favor de si mesmo ou dos defuntos. Com ela, obtém-se “a remissão, perante Deus, da pena temporal devida

aos pecados, cuja culpa já foi perdoada”» [BENTO XVI, Exortação apostólica *Sacramentum caritatis* (2007), n. 21].

(77) «Os padres sinodais afirmaram, justamente, que o amor à Eucaristia leva a apreciar cada vez mais também o sacramento da Reconciliação. Por causa da ligação entre ambos os sacramentos, uma catequese autêntica acerca do sentido da Eucaristia não pode ser separada da proposta dum caminho penitencial (*1 Cor* 11, 27-19). Constatamos – é certo – que, no nosso tempo, os fiéis se encontram imersos numa cultura que tende a cancelar o sentido do pecado, favorecendo um estado de espírito superficial que leva a esquecer a necessidade de estar na graça de Deus para se aproximar dignamente da comunhão sacramental. Na realidade, a perda da consciência do pecado engloba sempre também uma certa superficialidade na compreensão do próprio amor de Deus» [BENTO XVI, Exortação apostólica *Sacramentum caritatis* (2007), n. 20].

12 – ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO

(78) «Ao mesmo tempo que pedimos perdão, perdoamos. É aquilo que dizemos todos os dias, ao recitarmos a oração que nos foi ensinada por Jesus: «Pai Nosso... perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (*Mt* 6, 12). (...) Do perdão floresce a reconciliação. É o que desejamos para cada comunidade eclesial, para o conjunto de todos os crentes em Cristo e para o mundo inteiro. Perdoados e prontos a perdoar, os cristãos entram no terceiro milênio como testemunhas mais críveis da esperança. Após séculos marcados por violências e destruições e depois deste último século mais dramático, a Igreja oferece à humanidade que atravessa o limiar do terceiro milênio o Evangelho do perdão e da reconciliação, como pressuposto para construir a paz autêntica» [JOÃO PAULO II, *Angelus* (12 de Março de 2000)].

(79) «A misericórdia torna-se, assim, elemento indispensável para *plasmar* as relações mútuas entre os homens, em espírito do mais profundo respeito por aquilo que é humano e pela fraternidade recíproca. É impossível conseguir que se estabeleça este vínculo entre os homens se se pretende regular as suas relações mútuas unicamente com a medida da justiça. (...) O amor misericordioso é sobretudo indispensável entre aqueles que estão mais próximos: os cônjuges, os pais e os filhos, os amigos; e é de igual modo indispensável na educação e na pastoral. (...) O mundo dos homens só se poderá tornar mais humano, se introduzirmos no quadro multiforme das relações interpessoais e sociais, juntamente com a justiça, aquele “amor misericordioso” que constitui a mensagem messiânica do Evangelho. O mundo dos homens poderá tornar-se “cada vez mais humano” somente quando introduzirmos, em todas as relações recíprocas que plasmas a sua fisionomia moral, o momento do perdão, tão essencial no Evangelho. O perdão atesta que, no mundo, está presente *o amor mais forte que o pecado*. Além disso, o perdão é a condição fundamental da reconciliação, não só

no relacionamento de Deus com o homem, mas também nas relações dos homens entre si. (...) Por isso, a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres – em cada período da história e de modo especial na idade contemporânea – *proclamar e introduzir na vida* o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo. Este mistério, não só para a própria Igreja como comunidade dos fiéis, mas em certo sentido também para todos os homens, é *fonte* de uma vida diferente daquela que o homem, exposto às forças prepotentes da tríplice concupiscência que nele operam, é capaz de construir» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dives in misericordia* (1980), n. 14].

(80) «O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus. (...) Ao mesmo tempo, porém, o próprio chamamento sobrenatural sublinha a *relatividade* da vida terrena do homem e da mulher. Na verdade, esta vida não é realidade “última”, mas “penúltima”; trata-se, em todo o caso, de uma *realidade sagrada* que nos é confiada para a guardarmos com sentido de responsabilidade e levarmos à perfeição no amor pelo dom de nós mesmos a Deus e aos irmãos.

A Igreja sabe que este *Evangelho da vida*, recebido do seu Senhor, encontra um eco profundo e persuasivo no coração de cada pessoa, crente e até não crente, porque se ele supera infinitamente as suas aspirações, também lhes corresponde de maneira admirável. Mesmo por entre dificuldades e incertezas, todo o homem sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela luz da razão e com o secreto influxo da graça, chegar a reconhecer, na lei natural inscrita no coração (cf. *Rm 2*, 14-15), o valor sagrado da vida humana desde o seu início até ao seu termo, e afirmar o direito que todo o ser humano tem de ver plenamente respeitado este seu bem primário. Sobre o reconhecimento de tal direito é que se funda a convivência humana e a própria comunidade política.

De modo particular, devem defender e promover este direito os crentes em Cristo, conscientes daquela verdade maravilhosa, recordada pelo Concílio Vaticano II: “Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem” (*Gaudium et spes*, 22). **Com efeito**, neste acontecimento da salvação, revela-se à humanidade não só o amor infinito de Deus que “amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único” (*Jo 3*, 16), mas também o *valor incomparável de cada pessoa humana*. (...) *O Evangelho do amor de Deus pelo homem, o Evangelho da dignidade da pessoa e o Evangelho da vida são um único e indivisível Evangelho* » [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Evangelium vitae* (1995), n. 2].

(81) «Deus está sempre pronto a perdoar e a fazer de novo justo o homem pecador. (...) Foi como se Cristo tivesse querido revelar que o limite imposto ao mal, cujo artífice e vítima é o homem, em última análise era a Misericórdia Divina. É certo que nela existe também a justiça, mas esta por si só não constitui a última palavra da economia divina na história do mundo e na história do homem. Deus sabe

sempre tirar o bem do mal, Ele quer que todos se salvem e possam chegar ao conhecimento da verdade (cf. *1 Tm 2, 4*): Deus é amor (cf. *1 Jo 4, 8*). Cristo crucificado e ressuscitado, tal como apareceu à Irmã Faustina, é a revelação suprema desta verdade. (...) Foi como se, por meio dela, Cristo tivesse querido dizer: “O mal não terá a vitória definitiva!” O mistério pascal confirma que, no fim de contas, o bem é vitorioso, a vida derrota a morte, e sobre o ódio triunfa o amor» [J OÃO PAULO II, *Memória e Identidade*, Bertrand Editora, Lisboa 2005, pp. 57 e 58].

(82) «A Igreja faz apelo à misericórdia de Deus. (...) Quanto mais a consciência humana, sucumbindo à secularização, perder o sentido do significado próprio da palavra “misericórdia”, e quanto mais, afastando-se de Deus, se afastar do mistério da misericórdia, tanto mais a *Igreja tem o direito e o dever* de fazer apelo ao Deus da misericórdia “com grande clamor” (cf. *Heb 5, 7*). (...) Recorramos a Deus por meio de Cristo, lembrados das palavras do *Magnificat* de Maria, que proclamam a misericórdia “de geração em geração”.

Imploremos a misericórdia divina para a geração contemporânea! (...) Esta atitude é *amor para com Deus*, em relação ao Qual sentimos profundamente quanto o homem contemporâneo O ofende e O rejeita e, por isso, estamos prontos a clamar com Cristo na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (*Lc 23, 34*). Tal atitude é simultaneamente *amor para com os homens*, para com todos os homens, sem exceção nem discrimine nação alguma: sem diferença de raça, de cultura, de língua, de concepção do mundo, sem distinção entre amigos e inimigos. É amor para com os homens globalmente, que deseja todo o bem verdadeiro para cada um deles e para cada comunidade humana, para cada família, cada nação, cada grupo social, para os jovens, os adultos, os pais, os idosos e os doentes. Enfim, é um amor para com todos sem exceção. Tal atitude é amor, ou seja, viva solicitude por garantir a cada um todo o bem autêntico e afastar e esconjurar qualquer mal» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dives in misericordia* (1980), n. 15].

13 – E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO (I)

(83) «Segundo a fé cristã e a doutrina da Igreja, "somente a liberdade que se submete à Verdade, conduz a pessoa humana ao seu verdadeiro bem. O bem da pessoa é estar na Verdade e praticar a Verdade".

O confronto entre a posição da Igreja e a situação sociocultural de hoje põe imediatamente a descoberto a urgência de se desenvolver, precisamente *sobre esta questão fundamental, um intenso labor pastoral por parte da própria Igreja*: "Este laço essencial entre verdade-bem-liberdade foi perdido em grande parte pela cultura contemporânea, e portanto levar o homem a redescobri-lo é hoje uma das exigências próprias da missão da Igreja, para a salvação do mundo. A pergunta de Pilatos: ‘O que é a verdade?’ emerge também da desoladora perplexidade de um

homem que, frequentemente, já não sabe *quem é, donde vem e para onde vai*. E é assim que, não raro, assistimos à tremenda derrocada da pessoa humana em situações de autodestruição progressiva”» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Veritatis splendor* (1993), n. 84].

14 – E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTACÃO (II)

(84) «A evangelização da cultura é ainda mais importante no nosso tempo, em que uma “ditadura do relativismo” ameaça ofuscar a verdade imutável sobre a natureza do homem, o seu destino e o seu bem derradeiro. Existem hoje indivíduos que procuram excluir o credo religioso da esfera pública, reduzi-lo a uma realidade privada ou até apresentá-lo como uma ameaça contra a igualdade e a liberdade. Quando, ao invés, a religião é **efetivamente** uma garantia de autêntica liberdade e respeito, que nos leva a considerar cada pessoa como um irmão ou uma irmã. Por este motivo, dirijo um apelo particularmente a vós, fiéis leigos, a fim de que, em conformidade com a vossa vocação e missão **batismal**, não apenas possais ser exemplo público de fé, mas saibais também tornar-vos defensores, na esfera pública, da promoção da Sabedoria e da visão do mundo que derivam da fé. A sociedade contemporânea necessita de vozes claras, que proponham o nosso direito a viver não numa selva de liberdades auto-destruidoras e arbitrárias, mas numa sociedade que trabalha em prol do verdadeiro bem-estar dos seus cidadãos, **oferecendo-lhes** orientação e **proteção** face às suas fraquezas e fragilidades. (...)Seja vossa inspiração constante esta exortação de São Paulo: “Não sejais indolentes na realização do bem, mas sede fervorosos no espírito; servi o Senhor. Sede jubilosos na esperança, constantes na tribulação e perseverantes na oração” (cf. *Rm* 12, 11-12)» [BENTO XVI, *Homilia da Missa no Bellahouston Park em Glasgow* (16 de Setembro de 2010)].

(85) «Hoje a Bíblia é submetida por muitos ao critério da chamada visão moderna do mundo, cujo dogma fundamental é que Deus não pode de modo algum agir na história e, portanto, tudo o que diz respeito a Deus deve ser relegado para o domínio do **subjetivo**. Então a Bíblia já não fala de Deus, do Deus vivo, mas somos apenas nós que falamos e decidimos o que Deus pode fazer e o que queremos ou devemos nós fazer. E o anticristo diz-nos, com ares de grande especialista, que uma exegese que leia a Bíblia segundo a perspectiva da fé no Deus vivo, prestando-lhe ouvidos, é fundamentalismo; somente a sua exegese – a exegese considerada autenticamente científica, na qual o próprio Deus não diz nada e nada tem para dizer –, está a par com os tempos» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*(1ª parte: Do **Batismo** no Jordão até à Transfiguração), cap. 2, A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, pp. 67].

(86) «Um novo aspecto desta realidade do “domínio de Deus” (reino) aparece quando Jesus, com palavras difíceis de explicar, afirma que o “reino dos céus tem sido **objeto** de violência e os violentos apoderam-se dele à força” (*Mt* 11, 12).

Metodologicamente é inadmissível reconhecer como “próprio de Jesus” apenas um aspecto da totalidade e, partindo de tal afirmação arbitrária, distorcer tudo o resto nessa **direção**. Devemos antes dizer: a realidade, que Jesus designa “reino de Deus, domínio de Deus”, é extremamente complexa e só aceitando-a globalmente é que podemos abeirar-nos da sua mensagem e deixar-nos guiar por ela» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré* (1ª parte: Do **Batismo** no Jordão até à Transfiguração), cap. 3, A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, pp. 93-94].

(87) «Mas, voltemos à tentação em análise. O seu verdadeiro conteúdo torna-se visível, quando constatamos como toma sempre novas formas ao longo da história. O império cristão procurou, sem demora, transformar a fé num **fator** político a bem da unidade do império. Consequentemente, o reino de Cristo devia tomar a forma de um reino político e do seu esplendor. A debilidade da fé, a debilidade terrena de Jesus Cristo devia ser sustentada pelo poder político e militar. No curso dos séculos, esta tentação – assegurar a fé através do poder – reapareceu continuamente sob formas diversas, e a fé correu sempre o risco de ser sufocada precisamente pelo abraço do poder. A luta pela liberdade da Igreja – luta, porque o reino de Jesus não pode ser identificado com nenhuma estrutura política – deve ser travada em todos os séculos. (...) O tentador não é tão rude que nos proponha **diretamente** a adoração do diabo. Propõe apenas que nos decidamos por aquilo que é racional, pela prioridade de um mundo planificado e organizado, onde Deus, enquanto questão privada, pode ter um lugar, mas não deve interferir nos nossos propósitos essenciais. Solov’ev atribui ao anticristo um livro, *O caminho aberto para a paz e o bem-estar do mundo*, que de certo modo se torna a nova Bíblia e tem como conteúdo essencial a adoração do bem-estar e do **planejamento** racional.

(...) O império cristão e o papado mundano hoje já não constituem uma tentação, mas interpretar o cristianismo como uma receita para o progresso e reconhecer o bem-estar geral, tal é a nova forma da mesma tentação como o verdadeiro objectivo de toda a religião incluindo a cristã. (...) Nenhum reino deste mundo é o reino de Deus, o estado de salvação da humanidade em absoluto. O reino humano permanece reino humano, e quem afirma que pode edificar um mundo salvo corrobora o engano de satanás, faz cair o mundo nas mãos dele» [BENTO XVI, *Jesus de Nazaré* (1ª parte: Do **Batismo** no Jordão até à Transfiguração), cap. 2, A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, pp. 71-72.74.75.76].

15 – MAS LIVRAI-NOS DO MAL (I)

(88) «João Paulo II, na linha do perene ensinamento da Igreja, afirmou repetidas vezes que quantos se encontram **diretamente** empenhados nas esferas da representação legislativa têm a “clara obrigação de se opor” a qualquer lei que represente um atentado à vida humana. Para eles, como para todo o católico, vale a impossibilidade de participar em campanhas de opinião a favor de semelhantes leis, não sendo a ninguém consentido apoiá-las com o próprio voto.

(...) Quando a **ação** política se confronta com princípios morais que não admitem abdições, **exceções** ou compromissos de qualquer espécie, é então que o empenho dos católicos se torna mais evidente e cheio de responsabilidade. Perante estas *exigências éticas fundamentais e irrenunciáveis*, os crentes têm, **efetivamente**, de saber que está em jogo a essência da ordem moral, que diz respeito ao bem integral da pessoa. É o caso das leis civis em matéria de *aborto* e de *eutanásia* (a não confundir com a renúncia ao *excesso terapêutico*, legítimo, mesmo sob o ponto de vista moral), que devem tutelar o direito primário à vida, desde a sua concepção até ao seu termo natural. Do mesmo modo, há que afirmar o dever de respeitar e proteger os direitos do *embrião humano*. Analogamente, devem ser salvaguardadas a tutela e promoção da *família*, fundada no **matrimônio** monogâmico entre pessoas de sexo diferente e protegida na sua unidade e estabilidade, perante as leis modernas em matéria de divórcio: não se podem, de maneira nenhuma, pôr juridicamente no mesmo plano com a família outras formas de convivência, nem estas podem receber, como tais, um reconhecimento legal. Igualmente, a garantia da liberdade de *educação*, que os pais têm em relação aos próprios filhos, é um direito inalienável, aliás reconhecido nas Declarações internacionais dos direitos humanos. No mesmo plano, devem incluir-se a *tutela social dos menores* e a libertação das vítimas das *modernas formas de escravidão* (pense-se, por exemplo, na droga e na exploração da prostituição). Não podem ficar fora deste elenco o direito à *liberdade religiosa* e o progresso para uma *economia* que esteja ao serviço da pessoa e do bem comum, no respeito da justiça social, do princípio da solidariedade humana e do de subsidiariedade, segundo o qual “os direitos das pessoas, das famílias e dos grupos, e o seu exercício têm de ser reconhecidos”. Como não incluir, enfim, nesta exemplificação, o grande tema da *paz*? Uma visão **irênica** e ideológica tende, por vezes, a secularizar o valor da paz; noutros casos, cede-se a um juízo ético sumário, esquecendo a complexidade das razões em questão. A paz é sempre “fruto da justiça e efeito da caridade”; exige a recusa radical e absoluta da violência e do terrorismo e requer um empenho constante e vigilante da parte de quem está investido da responsabilidade política» [CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre algumas questões relativas à participação e comportamento dos católicos na vida política* (24 de Novembro de 2002), n. 4].

(89) «Se, por um lado, o Ocidente continua a dar testemunho da **ação** do fermento evangélico, por outro aparecem, não menos fortes, as correntes da antievangelização; esta atinge as próprias bases da moral humana, envolvendo a família e espalhando o permissivismo moral: os divórcios, o amor livre, o aborto, a contraceção, a luta contra a vida tanto na sua fase inicial como no ocaso, a sua manipulação. Este programa funciona com enormes meios financeiros, não apenas a nível nacional mas também à escala mundial; consegue realmente dispor de grandes centros de poder **econômico**, através dos quais tenta impor as suas próprias condições aos países em vias de desenvolvimento. Face a tudo isto, é

legítimo questionar-nos se não estamos perante uma nova forma de totalitarismo, dolosamente velado sob as aparências da democracia» [JOÃO PAULO II, *Memória e Identidade*, Bertrand Editora, Lisboa 2005, p. 51].

(90) «Existe um direito que deriva da "natureza", duma criação-bússola, e que ao mesmo tempo torna possível um "direito das nações", para além e acima de qualquer limite fixado pelas diferentes legislações nacionais. Há um direito de natureza que precede toda a nossa legislação, pelo que não se pode considerar "direito" tudo o que passa pela mente dos homens. Pode haver leis que, embora sendo tais, não são de modo algum «direito», mas in justiça. A própria natureza, enquanto criação, é uma fonte do direito. Indica-nos os limites intransponíveis. A **atualidade** de uma tal questão é evidente: quando se proclama como direito o assassinato duma vida inocente, transforma-se a injustiça num direito. Quando o direito deixa de defender a vida humana, ele mesmo se põe em questão enquanto direito. Dizer isto não significa querer, numa sociedade pluralista, impor a moral específica dos cristãos a todos os outros. Aqui trata-se da humanidade, da humanidade do homem, que não pode decretar a destruição da criação como caminho para a sua libertação, sem se enganar profundamente a si mesmo. (...) Será o homem verdadeiramente livre quando se desliga da criação, **jogando-a** para trás das costas como uma situação de escravidão? Ou não será então que ele se nega a si mesmo?» [JOSEPH RATZINGER, *Il Dio di Gesù Cristo. Meditazioni sul Dio uno e trino*, **Queriniana, Brescia** 2006, pp. 47-48].

(91) «Uma concepção positivista de natureza, que compreende a natureza de modo puramente funcional, tal como a conhecem as ciências naturais, não pode criar qualquer ponte para a ética e o direito, mas suscitar de novo respostas apenas funcionais. (...) O conceito positivista de natureza e de razão, a visão positivista do mundo é, no seu conjunto, uma parcela grandiosa do conhecimento humano e da capacidade humana, à qual não devemos de modo algum renunciar. Mas ela mesma no seu conjunto não é uma cultura que corresponda e seja suficiente ao ser humano em toda a sua amplitude. Onde a razão positivista se considera como a única cultura suficiente, relegando todas as outras realidades culturais para o estado de subculturas, aquela diminui o homem, antes, ameaça a sua humanidade. (...) Também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece. O homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza, e a sua vontade é justa quando respeita a natureza e a escuta e quando se aceita a si mesmo por aquilo que é e que não se criou por si mesmo. Assim mesmo, e só assim, é que se realiza a verdadeira liberdade humana. (...) Foi na base da convicção sobre a existência de um Deus criador que se desenvolveram a ideia dos direitos humanos, a ideia da igualdade de todos os homens perante a lei, o conhecimento da inviolabilidade da dignidade humana em cada pessoa e a consciência da responsabilidade dos homens pelo seu agir. Estes conhecimentos da razão constituem a nossa memória cultural. Ignorá-la ou

considerá-la como mero passado seria uma amputação da nossa cultura no seu todo e privá-la-ia da sua integralidade» [BENTO XVI, *Discurso no Parlamento Federal*, Reichstag de Berlim (22 de Setembro de 2011)].

(92) «É *no íntimo da consciência moral* que se consuma a eclipse do sentido de Deus e do homem, com todas as suas múltiplas e funestas consequências sobre a vida. Em questão está, antes de **tudo**, a consciência *de cada pessoa*, onde esta, na sua unicidade e irrepetibilidade, se encontra a sós com Deus. Mas, em certo sentido, é posta em questão também a “consciência moral” *da sociedade*: esta é, de algum modo, responsável, não só porque tolera ou favorece comportamentos contrários à vida, mas também porque alimenta a “cultura da morte”, chegando a criar e consolidar verdadeiras e próprias “estruturas de pecado” contra a vida.

A consciência moral, tanto do indivíduo como da sociedade, está hoje – devido também à influência invasora de muitos meios de comunicação social –, exposta a um *perigo gravíssimo e mortal*: o perigo da *confusão entre o bem e o mal*, precisamente no que se refere ao fundamental direito à vida. Uma parte significativa da sociedade **atual** revela-se tristemente semelhante àquela humanidade que Paulo descreve na Carta aos Romanos. É feita “de homens que sufocam a verdade na injustiça” (1, 18): tendo renegado Deus e julgando poder construir a cidade terrena sem Ele, “desvaneceram n os seus pensamentos”, pelo que “se obscureceu o seu insensato coração” (1, 21) ; “considerando-se sábios, tornaram-se néscios” (1, 22), fizeram-se autores de obras dignas de morte, e “não só as cometem, como também aprovam os que as praticam” (1, 32). Quando a consciência, esse luminoso olhar da alma cf. (*Mt* 6, 22-23), chama “bem ao mal e mal ao bem” (*Is* 5, 20), está já no caminho da sua degeneração mais preocupante e da mais tenebrosa cegueira moral» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Evangelium vitae* (1995), n. 24].

(93) «A “**blasfêmia**” não consiste propriamente em ofender o Espírito Santo com palavras; consiste, antes, *na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem, mediante o mesmo Espírito Santo* agindo em virtude do sacrifício da Cruz. (...) Sabemos que o fruto desta purificação é a remissão dos pecados. Por conseguinte, quem rejeita o Espírito e o Sangue permanece nas “obras mortas”, no pecado. E a “**blasfêmia** contra o Espírito Santo” consiste **exatamente** na *recusa radical de aceitar esta remissão* , de que Ele é o dispensador íntimo e que pressupõe a conversão verdadeira, por Ele operada na consciência. Se Jesus diz que o pecado contra o Espírito Santo não pode ser perdoado nem nesta vida nem na futura, é porque esta “*não-remissão*” está ligada, como à sua causa, à “*não-penitência*”, isto é, à recusa radical a converter-se. (...) Ora a **blasfêmia** contra o Espírito Santo é o pecado cometido pelo homem, que reivindica o seu pretenso “*direito*” *de perseverar no mal* – em qualquer pecado – e recusa por isso mesmo a Redenção. O homem fica fechado no pecado, tornando impossível da sua parte a própria conversão e também, conseqüentemente, a remissão dos pecados» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem* (1986) n. 46].

16 – MAS LIVRAI-NOS DO MAL (II)

(94) «A morte de Jesus é de natureza diferente. Não é a execução de uma sentença que volta a expulsar o homem para a terra, mas a **atuação** de um amor que não quer privar os outros da palavra, do sentido, da eternidade. Aquela não está ligada à sentença da expulsão do paraíso, mas aos Cânticos do Servo de Deus: é uma morte na linha desta palavra e, por conseguinte, é luz para as nações; morte no contexto do serviço de expiação, que quer criar reconciliação; morte, portanto, que põe fim à própria morte» [JOSEPH RATZINGER, *Il Dio di Gesù Cristo. Meditazioni sul Dio uno e trino*, Queriniana, Brescia 2006, 108].

(95) «A crise de esperança atinge mais facilmente a s novas gerações que, em contextos socioculturais privados de certezas, de valores e de sólidos pontos de referência, encontram-se **enfrentando** dificuldades que são superiores às suas forças. Penso, queridos amigos, em tantos coetâneos vossos feridos pela vida, condicionados por uma imaturidade pessoal que muitas vezes é consequência de um vazio familiar, de opções educativas permissivas e libertárias e de experiências negativas e traumáticas. Para alguns – e infelizmente não são poucos – a saída quase obrigatória é uma fuga alienante com comportamentos de risco e violentos, na dependência de drogas e álcool, e em muitas outras formas de mal-estar juvenil. E todavia, mesmo em quem se vem a encontrar em condições difíceis por ter seguido conselhos de “ma us mestres”, não se apaga o desejo de amor verdadeiro e de felicidade autêntica» [BENTO XVI, *Mensagem para a XXIV Jornada Mundial da Juventude* (22 de Fevereiro de 2009)].

(96) «Para muitas pessoas, especialmente para os jovens, a cidade torna-se uma experiência de **erradicação**, de anonimato e de desigualdade, com a consequente perda de identidade e do sentido da dignidade humana. O resultado é com frequência a violência que hoje em dia caracteriza um vasto número de grandes cidades (...): a cidade promete demasiado, em quanto a um grande número de pessoas oferece pouquíssimo. Este sentido de desilusão está também vinculado à *perda de confiança nas instituições* políticas, jurídicas e educativas, mas também na Igreja e na família. (...) Torna-se um mundo profundamente secular, um mundo que só conhece uma dimensão e par a muitas pessoas pode parecer uma prisão. Nesta “cidade do homem”, somos chamados a edificar a “cidade de Deus”. (...) É necessário um renovado impulso missionário nas cidades, com homens e mulheres devotos, sobretudo jovens, que se comprometam em exortar as pessoas a unirem-se à com unidade eclesial. (...) Isto dependerá em grande parte do impulso e do devotamento dos *missionários leigos urbanos*; assim estes terão necessidade também do serviço de sacerdotes verdadeiramente zelosos, impregnados do espírito missionário, que saibam acender este espírito nos outros. É essencial que *os seminários e as casas de formação sejam claramente vistos como escolas para a missão*, formando sacerdotes que possam ajudar os fiéis a

tornarem-se os novos evangelizadores de que hoje a Igreja tem necessidade. (...) Não apenas as paróquias, mas também *as escolas católicas e as outras instituições devem abrir-se às urgências pastorais necessárias para evangelizar as cidades*» [JOÃO PAULO II, *Discurso aos Bispos da Conferência Episcopal do Canadá* (Província de Ontário) *em Visita «ad limina Apostolorum»* (4 de Maio de 1999)].

(97) «Neste sentido, é verdade que quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. *Ef* 2, 12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (cf. *Jo* 13, 1; 19, 30). Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente a “vida”. (...) Jesus, que disse de Si mesmo ter vindo ao mundo para que tenhamos a vida e a tenhamos em plenitude, em abundância (cf. *Jo* 10, 10), também nos explicou o que significa “vida”: “A vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste” (*Jo* 17, 3). (...) Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria Vida e o próprio Amor, então estamos na vida. Então “vivemos”. (...) Mais ainda: precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir. (...) Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto. O seu reino não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; o seu reino está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança» [BENTO XVI, Carta encíclica *Spe salvi* (2007), nn. 27 e 31].

17 – A TRAIÇÃO

(98) «Em razão precisamente desse serviço *o homem torna-se de maneira sempre nova o “caminho da Igreja”*, como já tive ocasião de dizer na encíclica sobre Cristo Redentor (cf. *Redemptor hominis*, 14) e repito agora nesta sobre o Espírito Santo. A Igreja, unida ao Espírito Santo, está cõnscia, mais do que ninguém, do *homem interior*, dos traços que no homem são mais profundos e essenciais, *porque espirituais e incorruptíveis*. É a este nível que o Espírito enxerta a “raiz da imortalidade” (cf. *Sb* 15, 3), da qual desponta a vida nova, ou seja, a vida do homem em Deus, que, como fruto da divina autocomunicação salvífica no Espírito Santo, só pode desenvolver-se e consolidar-se sob a **ação** do mesmo Espírito. (...) Pelo dom da graça, que vem do Espírito Santo, o homem entra “numa vida nova”, é introduzido na realidade sobrenatural da própria vida divina e torna-se “habitação do Espírito Santo”, “templo vivo de Deus”. Com efeito, pelo Espírito

Santo, o Pai e o Filho vêm a ele e fazem nele a sua morada. Na comunhão de graça com a Santíssima Trindade, dilata-se “o espaço vital” do homem, elevado ao nível sobrenatural da vida divina. O homem vive em Deus e de Deus, vive “segundo o Espírito” e “ocupa-se das coisas do Espírito”» [JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem* (1986) n. 58].